

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MARIANA SILVEIRA SERRA

CAPOEIRA:
Jogando com sua história

Campinas
2006



1290003205

MARIANA SILVEIRA SERRA

**CAPOEIRA:
Jogando com sua história**

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)
apresentado à Faculdade de Educação Física
da Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título de Licenciado em Educação
Física.

Orientador: Hermes Balbino

Campinas
2006

MARIANA SILVEIRA SERRA

**CAPOEIRA:
Jogando com sua história**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Mariana Silveira Serra aprovado pela Comissão julgadora em: 27/11/2006.

Hermes Balbino
Orientador

José Julio Gavião de Almeida
Componente da Banca

Campinas
2006

Dedicatória

*Dedico este estudo ao meu filho Luca, o maior presente que Deus poderia ter me dado...
Ele é a estrela que ilumina meus pensamentos, restaura minhas forças, e me dá a vontade de que preciso para sempre seguir em frente e jamais fraquejar diante das dificuldades apresentadas pela vida!*

Agradecimentos

Agradeço, antes de tudo e todos, a Deus por ter me presenteado com a capacidade de assimilação de conhecimentos, o que permitiu que ingressasse e, ainda, concluísse esta Universidade.

Encabeçando a grande lista de pessoas as quais devo agradecimentos eternos está meu filho Luca - a maior razão pela existência deste trabalho pois, por diversas vezes, estive muito próxima da desistência. Contudo, aqueles lindos olhinhos azuis transbordando amor e carinho conseguiram me trazer muita inspiração e fazer com que eu conseguisse me tornar mil e terminar, às custas de muito trabalho, esta monografia.

Deixo aqui um imenso “obrigada” ao meu marido, parceiro, companheiro, amigo Rafael. Uma pessoa linda que surgiu na minha vida e que me ajudou a resgatar minha auto-estima, minha autoconfiança e me fez perceber que sou capaz de realizar todos os meus sonhos e alcançar todos os meus objetivos .E, ainda, é o pai do meu filho!

Minha mãe Fátima, minha irmã Carol, meu irmão Gustavo... a base da minha vida! Estas são as pessoas responsáveis pela mulher que me tornei. Os únicos que acompanharam de perto todas as minhas conquistas, meus fracassos, minhas dificuldades, minhas alegrias, tristezas... e sempre estiveram firmes e fortes para o que se fizesse necessário em minha vida. Tenho-lhes profunda gratidão e não existe nada nesse mundo que possa pagar tudo o que fizeram por mim esses anos todos.

Não poderia deixar de agradecer aos meus amigos, todos eles... os irmãos que escolhemos para viver momentos inesquecíveis na vida. E, entre eles, gostaria de colocar o Hermes, meu orientador... uma pessoa a quem devo muito respeito tanto por ser um profissional admirável como por ser um ser humano extremamente amável.E também ao Henrique pela grande ajuda prestada e também pelas risadas.

Um axé pro meu Professor de capoeira e querido amigo Trinca, o qual me apresentou a esta encantadora arte das pernas para o ar!

E agora, um agradecimento especial ao meu pai Haroldo, falecido há 20 anos... mas que tenho a certeza de sua presença em todos os momentos da minha vida!

SERRA, Mariana S. **Capoeira**: jogando com sua história. 2006. 68f. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

RESUMO

Este estudo, realizado a partir de uma revisão de literatura e análise argumentativa, buscou dialogar com diversos aspectos da Capoeira, esta riquíssima manifestação da cultura corporal que possui características muito próprias e entendimentos muito subjetivos.

Etimologicamente temos alguns pressupostos que apontam a palavra *capoeira* como oriunda do Guarani “*capuera*” ou “*capôera*” – mato miúdo, ralo ou, ainda, “*cópuera*” – roça que deixou de existir, mas ainda existem outras prerrogativas acerca deste assunto. Sua gênese até os dias atuais ainda é muito controversa. Acerca disto, neste estudo, alguns apontamentos foram realizados com o intuito de se estabelecer um melhor entendimento sobre as fragmentações ocorridas ao longo de sua história a partir de uma disputa pela simbologia étnica da Capoeira, a qual resultou em uma fragmentação de sua prática estabelecendo formas diferentes de sua expressão. Suas novas significações justificadas pelas relações preconceituosas e discriminatórias que permearam a sociedade especialmente a partir da abolição da escravidão são tangenciadoras das diferentes expressões da Capoeira na contemporaneidade que se encontra dividida em Capoeira regional – de Mestre Bimba e Capoeira Angola – de Mestre Pastinha. Ainda buscamos entender os momentos onde a Capoeira e a educação física estabeleceram uma aproximação gerando uma relação que permanece até os dias atuais.

Palavras-Chaves: Capoeira; Manifestação cultural; Educação Física; História

SERRA, Mariana. **Capoeira**: playing with its history. 2006. 68f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

ABSTRACT

This study, carried through from a revision of literature and an argue analysis, it searched to dialogue with diverse aspects of the Capoeira, this valuable manifestation of the corporal culture that has proper characteristics and subjective agreements. About the origin of the therm Capoeira we have some estimated that they point this word as deriving of the Guarani "capuera" or "capôera" - small, thin weeds or, still, "cópuera" - field that left to exist, but still exist other prerogatives about of this subject. Its origin until the current days still is very confuse. About of this, in this study, some notes had been carried through with the intention of establishing one better agreement on the occured spallings throughout the history from a dispute for the ethnic symbology of the Capoeira, which resulted in a spalling of this practice, establishing different forms of this expression. Its new meanings justified from the prejudiced and discriminatory relations, that especially had passed by the society from the abolition of the slavery, are related to the different expressions of the Capoeira in the current time that is divided in regional Capoeira - of Bimba Master and Capoeira Angola - of Pastinha Master. Our study has still tried to understand the moments where the Capoeira and the physical education had established an approach generating a relation that remains until the current days.

Keywords: Capoeira; Cultural manifestation; Physical Education; History;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Negros trazidos ao Brasil	14
Figura 2 -	Rotas do tráfico	15
Figura 3 -	Escravos produtivos – lavra de diamantes – 1848	18
Figura 4 -	Escravos de ganho – vendedor de frutas	18
Figura 5 -	Escravos domésticos – cocheiro	18
Figura 6 -	Escravos de aluguel – contrato - 1849.....	18
Figura 7 -	Nagoas e Guaiamus	33
Figura 8 -	Campo de combate Método Zuma	35
Figura 9 -	As Sequências de Bimba	39
Figura 10 -	Mestre Bimba e o Governo	41

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CBC	Confederação Brasileira de Capoeira
CBP	Confederação Brasileira de Pugilismo
CPOR	Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Exército
FICA	Federação Internacional de Capoeira
FEF	Faculdade de Educação Física
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1	Introdução	10
2	Escravos e capoeiras	14
2.1	A Capoeira e os injustiçados	14
2.2	A exploração do homem pelo homem	17
2.3	A materialização da revolta	20
2.4	Liberdade de papel	22
3	Começando o jogo	25
4	Negros e Mestiços.....	30
4.1	Das Maltas	30
4.2	Bimba é Bamba... ..	34
4.3	E salve Mestre Pastinha... e a Capoeira angola	42
5	No jogo de dentro	45
5.1	O preconceito, a relação identitária e a Capoeira	45
5.2	A Capoeira aproximando-se da Educação Física	47
5.3	A Capoeira angola e a resistência	52
6	Considerações finais	56
7	Referências	58
8	Anexos	65

1 Introdução

A Capoeira¹ é uma manifestação da cultura corporal envolta por encantos... e cantos... e palmas... e instrumentos...

É uma arte que não se permite rotular: possui características muito próprias e manifestações muito subjetivas. É carregada de história, carregada de energia, carregada de mandinga².

Torna-se muito atraente devido as suas diversas possibilidades: cantar o jogo e a história, tocar os instrumentos da charanga³, dançar ao som do berimbau, lutar pela vida, jogar com a alegria, brincar com o corpo, encenar, esconder, aparecer, ludibriar, criticar, resolver, exaltar, extravasar os sentidos e sentimentos... E foram estas possibilidades que me levaram a praticá-la.

Durante muito tempo “namorei” a Capoeira observando as rodas que cruzava pela cidade e sempre me encantando com o ambiente mágico e envolvente ilustrados. Foi então que, em 2003 resolvi procurar uma academia de Capoeira para ter minha “iniciação” neste maravilhoso universo.

Desde então, já sabia que existiam dois estilos diferentes: a Capoeira angola e a Capoeira regional, mas, de fato, não tinha o conhecimento necessário para discernir sobre qual estilo contemplaria minhas expectativas e então, acabei optando pela Capoeira regional pelo simples fato da proximidade com a minha residência.

Durante este tempo todo em que tenho praticado a Capoeira, a insatisfação com as respostas que me foram dadas sobre sua história e a necessidade de entender os motivos que levaram a sua fragmentação em diferentes estilos sempre me acompanharam. E, a partir disso, aliei a necessidade de “dar um tempo” no treinamento físico da Capoeira devido ao meu estado de gravidez com a vontade de me envolver mais com esta parte teórica, a qual sempre julguei de fundamental importância para a formação de um bom capoeirista e, ainda, de um profissional da

¹O termo **Capoeira** com a inicial maiúscula será usada como referência à manifestação cultural.

²A mandinga é entendida como a malícia, a esperteza inerente à capoeira.

³Charanga é o nome dado ao conjunto de instrumentos musicais que compõem uma roda de capoeira. Hoje, os mais utilizados são os berimbaus (berra-boi, médio e viola), o pandeiro, o atabaque e o agogô.

área de educação física, o qual deve galgar conhecimentos variados sobre diversas manifestações da cultura corporal.

Para isto, no presente estudo, vamos buscar contemplar, como objetivos gerais, a composição de um quadro analítico da história da Capoeira desde seu surgimento até sua contemporaneidade e verificar quais foram os elementos que desencadearam o processo de fragmentação desta manifestação.

Como objetivos específicos, pretendemos verificar se, em algum momento, a Capoeira e a educação física estabeleceram algum tipo de aproximação e se, hoje em dia possuem ou podem possuir algum tipo de relação.

Para a contemplação dos objetivos propostos acima temos, no item número dois, um breve panorama da escravidão no Brasil e o posicionamento dos escravos diante da situação. Como ponto fundamental deste item, temos as informações relativas ao processo de abolição da escravidão e a situação “pós Lei Áurea” encontrada pelos ex-escravos no país que foi um momento crucial na história da Capoeira onde esta recebeu uma conotação marginal e criminosa por parte do Estado, marca que, como será visto, carregará por um longo tempo.

No item seguinte, *Começando o jogo*, passaremos a tratar da Capoeira em si, fazendo uma análise de sua gênese e, a partir daí, abrir um caminho para o entendimento da Capoeira gerada a partir de um referencial gênico respaldado por uma disputa étnica, influenciando fortemente suas manifestações como é tratado no capítulo que se segue – *Negros e mestiços*. Este item tem uma importância fundamental, pois é neste momento que as informações tratadas nos itens dois e três se cruzam e determinam as fragmentações que a Capoeira sofreu no decorrer de sua história já indicando um caminho a ser percorrido para que se chegue na Capoeira na contemporaneidade.

No item cinco temos a justificativa das fragmentações apresentadas a partir das relações de preconceito e identidade e ainda uma análise sobre os caminhos seguidos pela Capoeira e como ela se expressa nos dias de hoje.

Para tal, foi feito um estudo teórico de bibliografias sobre Capoeira, escravidão e preconceito. A busca foi feita entre as bibliotecas da Unicamp por meio de palavras-chave encontradas em monografias, dissertações, teses e artigos. Também foram utilizadas páginas da internet encontradas a partir de sites de busca que abordam os mesmos temas sugeridos.

Após a coleta e estudo dos materiais foi elaborada uma revisão de literatura e análise argumentativa gerando um diálogo entre os temas citados que suscitaram no estudo que se encerra a seguir.

Para um melhor entendimento do leitor devemos esclarecer que para o termo *capoeira* existem diversos significados, mas, um dos mais aceitos no que concerne à nomenclatura da manifestação em questão é que *capoeira* era o nome dado às áreas de mata rasteira que faziam a circunvizinhança das fazendas para onde os negros fugiam e travavam lutas mortais contra os Capitães-do-Mato⁴, que saíam em seus encalços. Muitas vezes derrotados, esses Capitães-do-Mato voltavam com a desculpa de que *'haviam sido pegos pelos negros na capoeira'* – local onde se davam os embates.

Em estudo realizado por Antônio L. C. S. Pires, etimologicamente esta é a idéia defendida por Macedo Soares e Henrique de Beaurepaire, – que pressupõem ser uma palavra oriunda do Guarani “*capuera*” ou “*capôera*” – mato miúdo, ralo ou, ainda, “*cópuera*” – roça que deixou de existir.

“Outros etimologistas se basearam no canto da ave capoeira para dar nome ao jogo, uma vez que seus praticantes, também escravos, utilizavam o assobio tal qual o canto do pássaro para se comunicarem” (SILVA, 2002, p. 28).

Ainda existem pressupostos que desvinculam a etimologia da capoeira do meio rural e o vincula ao meio urbano. Oliveira (1951, apud PIRES, 1996) refere-se a capoeira a partir da idéia de que os negros fugidos das fazendas se abrigavam num local chamado *capoeiraçú* (capoeira grande). Este era um ponto de passagem praticamente obrigatório aos fugidos, pois se interpunha entre as cidades e as capoeiras e, neste local abrigavam-se os desordeiros, malfeitores e escravos fugidos os quais saíam para a cidade durante a noite com o intuito de saquear e roubar. Eram, então, chamados de capoeiras – pessoas que se escondiam na *capoeiraçú*.

Los Rios (1986, apud PIRES, 1996) remete-se à capoeira como advinda da junção de “cá” – material oriundo da mata (para os indígenas) e “pú” – cesto. Daí “*capú*” – grandes cestos usados pelos escravos para carregar e descarregar mercadorias. Em sua hipótese, a capoeira enquanto luta teria nascido de disputas na estiva durante o lazer entre companheiros de trabalho e, dessas disputas de habilidades, teria nascido o jogo do escravo carregador de *Capú*.

⁴ Os capitães-do-mato eram negros livres e pobres que eram usados pelos senhores das fazendas para a captura e repressão à fuga dos escravos uma vez que esses eram conhecedores das formas de fuga e dos terrenos em torno.

Edson Carneiro, embora não negue os aspectos rurais da capoeira, não se detinha apenas neste contexto:

Pode ser que capoeira, gente, venha de capoeira mato, do negro que fugia e dizia e diz-se ainda: foi pra capoeira, meteu-se na capoeira, caiu na capoeira, e não é só do negro que fugia, mas também do recruta, desertor do exército e da armada que procurava fugir das autoridades policiais empenhadas em agarrá-los. E diz-se também do gado que foge. Um capoeira poderia ser também um sinônimo de negro fugido, calhambora, quilombola. Ainda hoje são sinônimos de gente penosa, faquistas, assassinos e, ao mesmo tempo vivos, esperto, ligeiros, corredor, destro em evitar que os outros lhe peguem, enfim, capoeira (CARNEIRO 1975, apud PIRES, 1996, p. 191).

Torna-se impossível dissertar sobre Capoeira sem antes conhecer um pouco sobre o panorama histórico que permeia sua origem. Não se pode desvincular a Capoeira do processo escravocrata vivido pelos negros africanos em solo brasileiro durante cerca de 380 anos. Processo este marcado por muita exploração e humilhação e, mesmo dentro desse contexto desumano, os negros ainda conseguiram fazer valer sua raça.

2 Escravos e capoeiras⁵

2.1 A Capoeira e os injustiçados

Cerca de quatro milhões de negros africanos foram arrancados de suas terras e escravizados pelos portugueses no Brasil - Colônia. Os colonizadores europeus não se propunham ao trabalho braçal sob hipótese alguma, atitude justificada por uma nobreza auto-outorgada.

Como principais grupos étnico-culturais que aportaram no Brasil entre a segunda metade do século XV até o século XVIII podem-se destacar: Bantos - como os angolas, congos e *cabindas*, os Sudaneses - como os *iorubás*, *jejês*, *hauçás* e minas, e os Malês - de tradições muçulmanas.



Figura 1: Negros trazidos ao Brasil
Fonte: Libertária (2006)

⁵ *capoeiras* com a inicial minúscula faz menção aos praticantes da capoeira antes de sua legalização. Refereindo-me aos praticantes após sua legalização, usarei o termo capoeirista.

Engana-se quem pensa que esta prática de traficar negros africanos era ilegal: ela integrava a política oficial dos estados políticos mercantis europeus e também o brasileiro, interessados nos pesados impostos cobrados sobre os grandes lucros advindos desse comércio (anexo A). E foram exatamente esses lucros que, combinados à necessidade de mão-de-obra nas colônias americanas, fizeram com que algumas das maiores companhias de comércio⁶ da Europa se interessassem em participar dessas atividades.

No Brasil, as principais regiões receptoras de escravos foram aquelas em que a economia estava em pleno desenvolvimento: a região do açúcar – litoral nordestino – e, a partir do século XVIII, a região do ouro – em Minas Gerais.

Abaixo, as principais rotas do tráfico de escravos para as Américas:

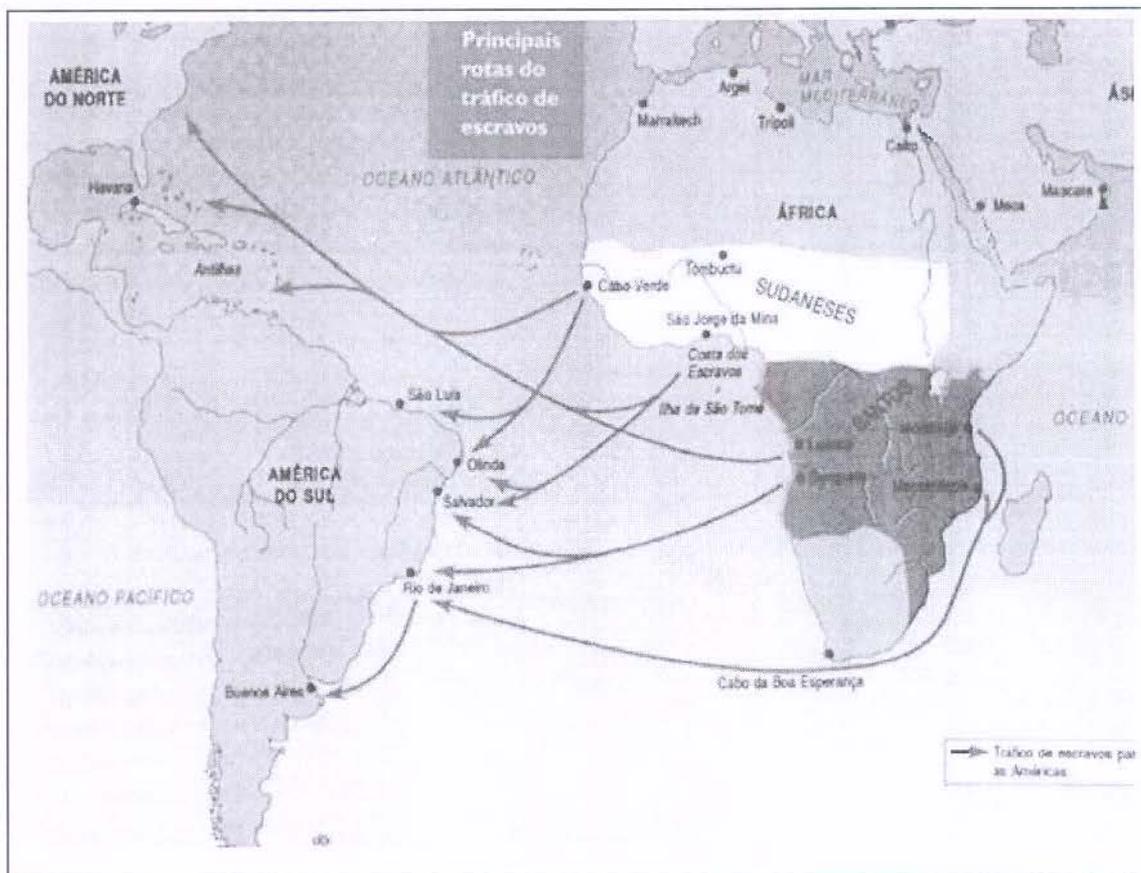


Figura 2: Rotas do tráfico
Fonte: Libertária (2006)

⁶ As companhias de comércio eram associações de comerciantes em que cada membro participava com uma parte do capital, juntos conseguiam empreender projetos inviáveis à iniciativa individual, sendo o lucro dividido proporcionalmente aos investidores.

Os negros eram trazidos ao país em condições totalmente desumanas. Muitas vezes amarrados uns aos outros, navegavam desta maneira por cerca de um mês ou mais nos porões dos navios negreiros. Muitos não conseguiam aportar com vida devido à fome, as pestes, aos maus-tratos (anexo B). Os que conseguiam chegar ao Brasil eram batizados à força no catolicismo e expostos e leiloados como produtos de consumo nos Mercados de Escravos, onde lhes eram examinados os dentes, a musculatura e até as genitálias. Contudo, os leilões de negros traficados não eram a única maneira de se “obter” um escravo. Diversos tipos de transações comerciais existiam (anexo C).

Arrematados, ou trocados, ou comprados, ou doados por algum Senhor, seguiam viagem até sua nova “morada” e, marcados a ferro quente, perdiam-se de si mesmos.

Definitivamente, seus corpos já não lhe pertenciam mais. Suas identidades não mais existiam. Suas vidas haviam sido roubadas, a única coisa que lhes restava era a esperança da liberdade que, diante de tanta dor e sofrimento, em alguns adormecia mas, em muitos outros tantos, ebulia incessantemente.

Os negros recém-chegados eram postos juntos aos outros que tiveram a mesma sorte. Homens e mulheres dividindo as senzalas que, na maioria das vezes, eram pequenas para o tanto de pessoas que haviam de se alojar, sujas, sem ventilação... Enfim, sem a mínima condição de acalanto para sequer alma viva. Este fato pode ser notado a partir da descrição de um engenho feita por Padre Antônio Vieira, datada de 1633:

[...] gente toda da cor da mesma noite, trabalhando vivamente, e gemendo tudo ao mesmo tempo sem momento de tréguas nem de descanso: quem vir em fim toda a máquina e aparato confuso e estrondoso daquela Babilônia, não poderá duvidar, ainda que tenha visto Etnas e Vesúvios, que é uma semelhança do inferno. (Libertária, 2006)

Tinham apenas o direito de obedecer e servir. Trabalhavam de sol a sol nas fazendas de seus senhores. Os que tinham mais sorte conseguiam um dia por semana para o “descanso”, dia este, que utilizavam para o cuidado com a subsistência.

Numa mesma propriedade, havia diversos tipos de negros diferentes. Diversos idiomas, diversas culturas, diversos hábitos. Propositadamente. Desta maneira, os escravos encontravam mais obstáculos para a comunicação e interação, dificultando a organização de revoltas e motins em massa.

Contudo, de modo contrário ao esperado, os negros souberam aproveitar muito bem essa diversidade cultural. Ao invés de haver o isolamento, houve a união. E, desta mistura de conhecimentos e tradições, eis que surge o objeto deste trabalho: a Capoeira.

2.2 A exploração do homem pelo homem

No período da escravidão, existia toda uma estrutura organizacional entre o tipo de trabalho desenvolvido pelos escravos. De acordo com suas habilidades e/ou características pessoais, eram destinados à execução de uma determinada atividade. Esta divisão dava-se da seguinte maneira:

Escravos Produtivos: Trabalhavam nas lavouras ou nas minas. Era um trabalho árduo que ia da aurora ao escurecer. Segundo Charles R. Boxer (1981), a vida média desses escravos era estimada entre sete e dez anos de trabalho. Deste grupo faziam parte, preferencialmente, homens jovens, com porte físico avantajado e de pele mais escura. Também os recém-chegados da África. Eram chamados de “boçais”.

Escravos de Ganho: Eram os que iam pelas ruas a fim de prestar serviços ocasionais e que deviam, ao fim do dia, entregar a seus senhores uma quantia previamente fixada. Neste caso, o proprietário se desobrigava de atender às necessidades básicas do escravo, na medida em que este dispunha de seu tempo com maior liberdade.

Escravos Domésticos: Trabalhavam dentro das casas de seus senhores desenvolvendo diversos tipos de serviço: criados de quarto, amas de crianças, mucamas, cozinheiras, costureiras, cocheiros entre outros. A maioria dos escravos domésticos eram mulheres, pois grande parte do serviço disponível tinha características femininas para os padrões da época. Eram, também, chamados de “ladinos” e, em geral, recebiam um tratamento um pouco melhor.

Escravos de Aluguel: Eram os escravos alugados por seu senhor a terceiros. Normalmente aqueles que realizavam, com propriedade, algum ofício como a carpintaria, sapataria, culinária... .

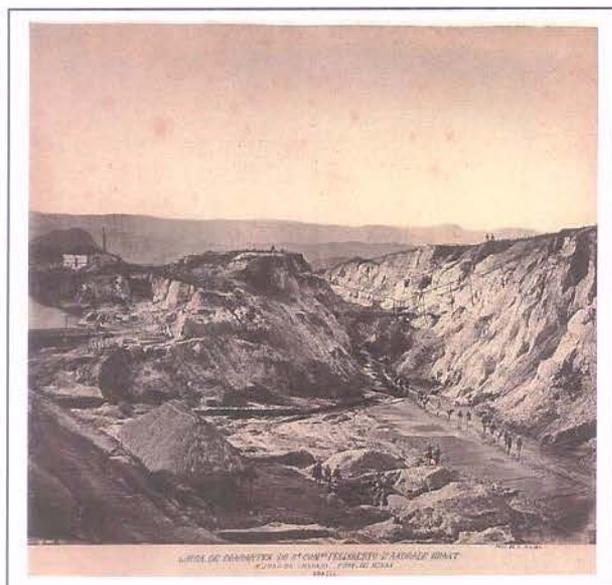


Figura 3: Escravos produtivos - lavra de diamantes – 1868
Fonte: Biblioteca Nacional (2006)

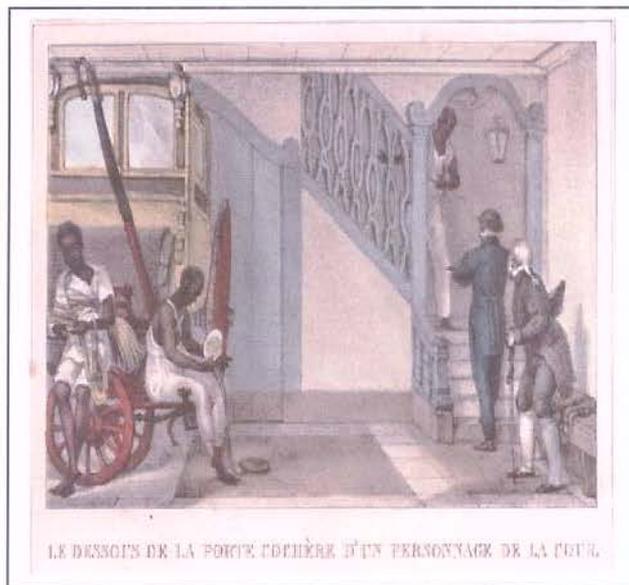


Figura 5: Escravos domésticos – cocheiros
Fonte: Biblioteca Nacional (2006)

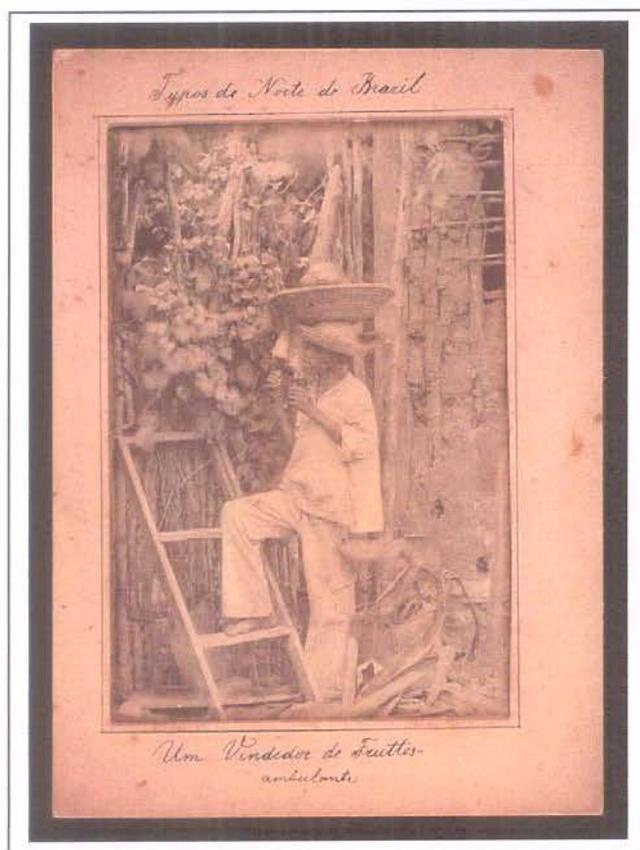


Figura 4: Escravo de ganho - vendedor de frutas
Fonte: Biblioteca Nacional (2006)

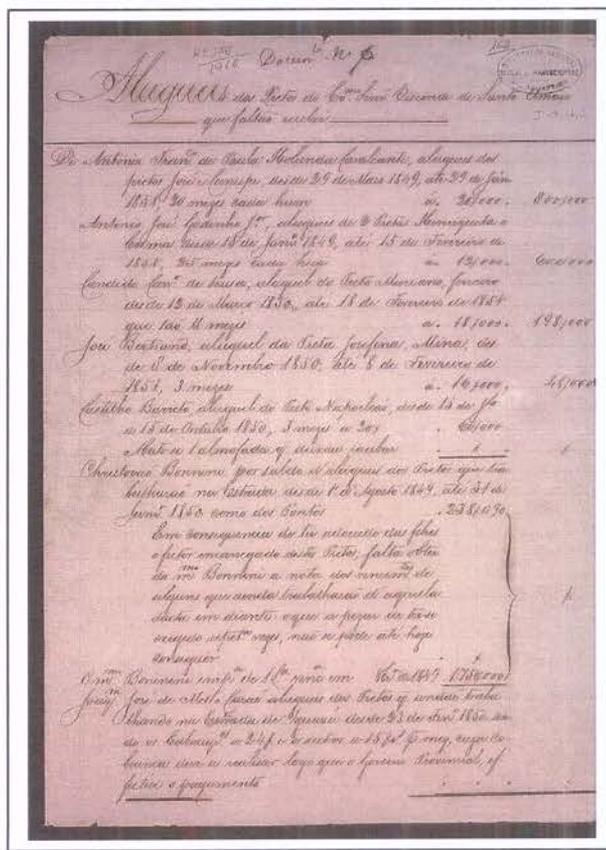


Figura 6: Escravos de aluguel – Contrato – 1849
Fonte: Biblioteca Nacional (2006)

Como se pode observar, o escravo era tratado como mercadoria, pois inspirada no Direito Romano, a lei portuguesa considerava-o "coisa do seu senhor", ou seja, classificava-o como "mercadoria" ou "peça". Podia ser vendido, alugado, emprestado, submetido, enfim, a todos os atos decorrentes do direito de propriedade.

Independentemente do tipo de trabalho executado, não deixavam de ser escravos e de, durante todo o tempo, serem lembrados disso por seus senhores, por seus feitores, pelos capitães-do-mato ou por qualquer outro que não estivesse na condição da escravidão.

Quando os escravos tomavam alguma atitude que desagradasse de alguma maneira seus senhores ou aquele que estivesse hierarquicamente acima deles, eram duramente castigados. Esses "desagrados" eram muitas vezes descabidos e até inventados para que os escravos fossem, propositadamente, punidos – desta maneira estavam sempre a amedrontá-los e intimidá-los, "dando o exemplo" aos outros para que não reagissem de maneira alguma à absolutamente nada.

Dentre as diversas formas de punição aos escravos, a mais comumente usada eram os "Açoites" – chicotadas ministradas no corpo do escravo fadado ao castigado, geralmente nas costas, com um chicote de couro. Eles eram amarrados com os braços para cima num tronco que se localizava numa região de destaque, as vistas dos escravos, com o intuito de serem sempre lembrados que, a qualquer momento, poderiam ser açoitados. Não obstante, permaneciam amarrados por dias a fio, dependendo da vontade de seus senhores debaixo de forte sol, de chuva, de vento, de frio e, nos ferimentos, era jogado um preparado de água com sal – a salmoura. Muitos não resistiam à essa tortura e morriam. Aos que resistiam, não raro saíam do tronco com algum tipo de seqüela: cegueira, desnaturação e até paralisia devido a machucados na coluna pela força das chicotadas. Mas não só no tronco eram açoitados: também poderiam sofrer esse tipo de violência enquanto amarrados em si mesmos – as mãos aos pés. Permaneciam desta maneira à vontade dos Senhores.

2.3 A materialização da revolta

Cansados deste tratamento monstruoso e desumano ministrado a eles, os escravos passaram a fugir de seus Senhores e começaram a se organizar em outras moradas as quais chamavam de Quilombos. Estes escravos refugiados nos Quilombos eram chamados de *quilombolas*.

[...] Foi incontestavelmente, a unidade básica de resistência do escravo. Pequeno ou grande, estável ou de vida precária, em qualquer região em que existisse a escravidão lá se encontrava ele como elemento de desgaste do regime servil. O fenômeno não era atomizado, circunscrito à determinada área geográfica, como a dizer que somente em determinados locais, por circunstâncias mesológicas favoráveis, ele poderia afirmar-se. Não. O quilombo aparecia onde quer que a escravidão surgisse. Não era simples manifestação tópica. Muitas vezes surpreende pela capacidade de organização, pela resistência que oferece; destruído parcialmente dezenas de vezes e novamente aparecendo, em outros locais, plantando a sua roça, construindo suas casas, reorganizando sua vida e estabelecendo novos sistemas de defesa. O quilombo não foi, portanto, apenas um fenômeno esporádico. Constituíam-se em fato normal dentro da sociedade escravista. Era a reação organizada de combate a uma forma de trabalho contra a qual se voltava o próprio sujeito que a sustentava. (MOURA, 1981, p.38).

Como pudemos perceber a partir do trecho acima, os quilombos representaram o alicerce da resistência escrava e, nele foi depositada a esperança de uma vida digna.

Nestes locais escondidos e fortificados no meio das matas, os negros viviam de acordo com sua cultura africana, plantando e produzindo em comunidade. Pouco é sabido sobre a sua organização política, contudo, aproximava-se muito da cultura africana: Estado chefiado por um líder supremo.

No Brasil, centenas de quilombos existiram espalhados, principalmente, pelos atuais estados da Bahia, Pernambuco, Alagoas, Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais. O de maior impacto foi o *Quilombo dos Palmares*, localizado na Serra da Barriga, atual estado de Alagoas. Estima-se que cerca de vinte mil quilombolas integravam os mocambos⁷ de Palmares em 1670, contudo, este dado não pode ser afirmado, pois a população do Quilombo flutuava ao sabor das conjunturas.

⁷ Os mocambos eram núcleos de povoamento dos Quilombos.

Devido ao alto preço dos escravos africanos, diversos ataques foram ministrados ao Quilombo a fim de recuperar os escravos fugidos. Contudo, a resistência oferecida pelos quilombolas dificultava seu extermínio.

No ano de 1677, com o intuito de restabelecer o controle sobre a região, foi proposto a Ganga Zumba, o então líder de Palmares um tratado de paz, oferecendo liberdade aos nascidos no Quilombo e a apropriação de algumas terras. Tendo Ganga Zumba tendido para a aceitação do acordo, muitos quilombolas se revoltaram e o líder do Quilombo foi envenenado.

Assume o controle do Quilombo Zumbi, sobrinho de Ganga Zumba, com idéias totalmente contrárias a qualquer compromisso mais estreito com as autoridades portuguesas. Desta maneira inicia-se uma nova fase do Quilombo: saindo de cena estratégias de defesa passiva e adentrando o cenário estratégias altamente ofensivas, semelhantes às guerrilhas, oferecendo ataques-surpresa a engenhos com o intuito de libertar escravos e fazer a apropriação de armas. E para isso, lançavam mão da Capoeira como meio de ataque/ defesa.

Com esta nova “política” implementada por Zumbi, as autoridades portuguesas se viram diante de uma forte pressão: precisavam, a qualquer custo, retomar o controle sobre os escravos fugidos. Para isto, contrataram o bandeirante paulista Domingos Jorge Velho que, como Décio Freitas (1971, p. 124) coloca em sua obra *Palmares: a guerra dos escravos*: “Os bandeirantes foram, pois, uma tropa de choque a serviço do colonialismo português, e não outra coisa” e “sua sanguinária ferocidade, sua incrível resistência à fome e seu íntimo conhecimento do sertão faziam deles o elemento humano ideal para o combate aos palmarinos”.

Em Janeiro de 1694, após diversas investidas frustradas, Jorge Velho obtém o sucesso na empreitada que envolveu seis mil homens bem armados. Capturando um quilombola chamado Antônio Soares e com a falsa promessa de liberdade, Jorge Velho recebe deste a informação sobre o paradeiro de Zumbi que, numa emboscada, é morto no dia 20 de Novembro de 1695 e tem sua cabeça decepada e exposta em praça pública na cidade de Recife, no alto de um mastro, para servir de exemplo a outros escravos.

Vale ressaltar que os Quilombos não foram a única forma de resistência apresentada pelos escravos. Cada um, à sua maneira, sempre procurava meios de manifestar sua insatisfação diante da situação, nem que o preço disto fosse a própria vida. O índice de suicídios ente os escravos era imenso, obrigando os senhores a estabelecer relações de condescendência para com seus escravos a fim de não perder mão-de-obra.

2.4 Liberdade de papel

O processo de abolição da escravidão ocorreu paulatinamente. Deu-se através do reflexo de diversos acontecimentos que transcorreram ao longo da história como a resistência negra, os movimentos abolicionistas⁸ e, principalmente, por questões econômicas envolvendo o Brasil e a Europa. Estes interesses europeus estavam ligados ao capitalismo em ascensão. A escravidão não poderia ser aceita como forma de trabalho, pois não existia um salário e, desta forma, não haveria meios de fazer a aquisição de qualquer tipo de produto.

Havia também no Brasil e na Europa os ideais iluministas em voga, herdados da Revolução Francesa, preconizando a igualdade ente todos os homens. Mas, seja por razões econômicas ou ideológicas, o fato é que a Inglaterra, país com o qual o Brasil mantinha suas maiores relações comerciais, passou a pressionar sistematicamente o país para que o tráfico de escravos e a escravidão fossem extintos.

Cedendo as pressões inglesas, D. João VI assinou, em Janeiro de 1815, um tratado que proibia o aporte de navios negreiros em terras brasileiras provenientes da costa africana localizada acima da Linha do Equador e, caso fossem pegos, a Inglaterra teria o direito de afundá-los como se fossem navios piratas. Não satisfeitos com este tratado, no ano de 1845 a *Lei Bil Abardeen*, pautada em acordos anteriores, em total desrespeito à soberania brasileira, dava plenos poderes à Inglaterra para afundar navios com bandeira brasileira que transportassem escravos.

O aumento do risco do tráfico negreiro fez com que os traficantes de escravos abandonassem a prática e, com a baixa natalidade e o alto custo do tráfico interno adotada como medida paliativa motivada pela falta de escravos para negociação, em 1850 o Império proibiu de vez o aporte de navios vindos da África trazendo escravos através da *Lei Eusébio de Queirós*⁹. A partir de então vários outros projetos colaboraram para que a escravidão fosse suprimida: Em 28

⁸ Os movimentos abolicionistas se davam a partir de grupos que, enquanto força social organizada, visavam ao fim da escravidão. Destes grupos eram pertencentes pessoas das mais variadas classes, profissões e credos. Criaram um partido político em prol da abolição, fundaram órgãos de imprensa explicitamente ligados a questões abolicionistas e usavam de diversas formas de manifestações para levantar a causa. Tiveram seu apogeu entre as décadas de 1860 e 1880. (Biblioteca Nacional, 2006)

⁹ Eusébio de Queirós era ministro vinculado ao Partido Conservador que fomentava a idéia de o país proibir, por si só, o tráfico negreiro para que sua soberania não fosse afetada.

de Setembro de 1871 Visconde do Rio Branco apresentou o projeto de Lei do Elemento Servil, a qual ficou conhecida por *Lei do Ventre Livre*. Esta lei não só dava a liberdade para os filhos de escravos nascidos a partir daquela data como também criava os direitos do escravo e regulamentava os castigos.

Outras leis foram sendo promulgadas em decorrência das pressões internacionais e das correntes abolicionistas: Em 1885 a *Lei dos Sexagenários* previa a libertação de escravos com mais de sessenta anos. Poucos escravos, porém, puderam se beneficiar desta lei, uma vez que a expectativa de vida dos mesmos era muito baixa.

As rebeliões de escravos se intensificaram com a eminência da liberdade, bem como os movimentos abolicionistas e, neste cenário caótico, Princesa Isabel, Regente do Império na ausência de D. Pedro II, assinou, no dia 13 de Maio de 1888, com pena de ouro, a Lei Áurea, lei esta que abolia a escravidão no Brasil.

A Lei Áurea, com intuito único de abolir a escravidão no Brasil, deixou as margens da miséria uma gama de ex-escravos. Sem emprego e moradia muitos continuaram a servir seus antigos senhores. E, então, eis que surge uma nova “classe” no país: a dos ex-escravos, os quais foram marginalizados e subjugados pelas elites. E, neste contexto marginal, se evidencia a Capoeira, causando temor na classe dominante pelo simples fato de conhecerem o “poder” dos capoeiras, que pôde ser mostrado na Revolta dos Mercenários¹⁰.

Tanta preocupação causou os ex-escravos “à solta pelas cidades” que, em 11 de Outubro de 1890, o novo Código Penal da República, Capítulo XIII – Dos vadios e capoeiras – enquadra a Capoeira como delito ou contravenção criminal.

Temos em Marinho (1945, apud SILVA, 2002, p. 46):

Art. 402 – Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação de capoeiragem: andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta ou incutindo temor ou algum mal.:

Pena: De prisão celular de dois a seis meses.

Parágrafo único – É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes ou cabeças se imporá a pena em dobro.

Art. 403 – No caso de reincidência será aplicado ao capoeira, no grau máximo a pena do art. 400 (pena de um a três anos em colônias penais que se fundarem em ilhas marítimas,

¹⁰ A Revolta dos Mercenários é um episódio pouco conhecido na História do Brasil. Os mercenários eram soldados estrangeiros que lutavam a favor de um exército de outra nacionalidade mediante pagamento de um soldo. Em 1928, os mercenários revoltados pelo não pagamento por parte da Coroa, causam uma sublevação militar a qual foi contida pelos capoeiras a pedido do Exército Brasileiro.

ou nas fronteiras do território nacional, podendo para esse fim serem aproveitados os presídios militares existentes).

Parágrafo único – Se for estrangeiro será deportado depois de cumprir a pena.

Art 404 – se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídios, praticar lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, e perturbar a ordem, a tranqüilidade e a segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes.

3 Começando o jogo

Não se sabe onde, não se sabe quando e, instiga-nos saber a origem da Capoeira. Existem alguns pressupostos sobre a Capoeira ser brasileira, outros sobre ser africana e até indígena.

Em sua obra *A negregada Instituição – os capoeiras no Rio de Janeiro*, escrita em 1993 e publicada em 1994, Carlos Eugênio Líbano Soares apresenta algumas teorias sobre a origem da Capoeira. Atribui o pioneirismo destes estudos à Plácido de Abreu, um militante republicano, escritor e praticante da Capoeira nascido em Portugal, autor da obra *Os Capoeiras*, datada de 1886:

É um trabalho difícil estudar a capoeiragem desde a primitiva porque não é bem conhecida a sua origem. Uns atribuem-na aos pretos africanos, o que julgo um erro, pelo simples fato que na África não é conhecida a nossa capoeiragem e sim alguns *sortes de cabeça*. Aos nossos índios também não se pode atribuir porque apesar de possuírem a ligeireza que caracteriza os capoeiras, contudo, não conhecem os meios que estes empregam para o ataque e a defesa. O mais racional é que a capoeiragem criou-se, desenvolveu-se e aperfeiçoou-se entre nós. (ABREU, 1886 apud SOARES, 1993, p. 10).

Esta primeira linhagem de escritores é categorizada como *cronistas*. Deste grupo ainda faz parte Alexandre Mello Moraes Filho, o qual iniciou sua obra quando da repressão movida pelo governo provisório de Deodoro da Fonseca e que “passaria à história como a *morte da Capoeira no Rio de Janeiro*” (SOARES, 1994, p. 10). Sua obra traz a idéia base da Capoeira como “luta nacional”:

Como a febre amarela, que não sabemos por que espanta tanta gente e quer-se a todo transe debelar, a capoeiragem, que é uma **luta nacional** [grifo nosso], degenerando em assassinatos, tem merecido perseguição sem descanso, guerra sem condições. Entretanto, na Europa o tifo, a difteria, o cólera e mais epidemias produzem anualmente grandes destroços e a ciência não cogitou nunca do seu extermínio, mas de preveni-las; os jogos de destreza e força são regulados em seu exercício, disciplinados pela arte, não havendo quem se oponha, senão aos abusos. (MORAES FILHO, s.d. apud SOARES, 1994, p. 10)

A partir de Mello Moraes foi que se deu início o “resgate” do tema *Capoeira*, o qual foi inserido no contexto das “ginásticas bélicas” por Coelho Neto. Este não apenas realça suas características ginásticas como também a celebra como a verdadeira educação física no Brasil, que deve ser ensinada em todos os lugares onde a educação seja importante. Mas, para isso, era preciso apagar todo seu histórico degenerativo de crimes e violências e, ainda, eliminar a navalha¹¹ de seu meio. Abaixo, um relato marcante de Coelho Neto em *O Bazar*, 1928:

Em 1910, Germano Haslocher, Luiz Murat e quem escreve essas linhas, pensaram em mandar um projeto à mesa da câmara dos deputados tornando obrigatório o ensino da capoeiragem nos institutos oficiais e nos quartéis, desistiram, porém, da idéia porque houve quem a achasse ridícula, simplesmente porque tal jogo era...brasileiro (NETO, 1928 apud PIRES, 1996, p. 222, como no original).

Nas primeiras décadas do século XX há uma crescente sobre as discussões que permeiam a origem da Capoeira. Assunto também abordado pela imprensa, mais particularmente por um artigo publicado na revista *Kosmos*, datado de 1906, assinado por L.C., o qual faz minuciosa representação nacional da Capoeira a partir de um embasamento racial:

Porque, quando, e como nasceu a capoeira? Na transição provavelmente do reinado português para o Império livre, pela necessidade do independente, físicamente fraco de se defender ou agredir o ex-possessor, robusto, nos distúrbios, então freqüentes em tavernas e matulas, por atritos constantes de nacionalidade, tendo a sua gênese em dois pontos diversos (...) criou-a o espírito inventivo do mestiço porque a capoeira não é portuguesa, nem mesmo é negra, é mulata, é mestiça, é cafuza, e é mameluca, isto é, é cruzada, é mestiça (...) a navalha do fadista da mouraria lisboeta, alguns movimentos sambados e simiescos do africano e, sobretudo, a agilidade, a levipidez felina e pasmosa do índio nos saltos rápidos, leves e imprevistos (L. C., 1906, apud PIRES, 1996, p. 221, como no original).

Através dos pressupostos citados, podemos perceber a tendência desses autores em colocar a mestiçagem como sendo o que de fato é brasileiro tornando-a símbolo racial representativo da identidade nacional sendo esta, composta pelas misturas oriundas dos negros africanos, os brancos portugueses e os índios. Neste contexto inserem a Capoeira como mestiça, portanto, legitimamente brasileira, negando o que é do negro africano, ocasionando um enfraquecimento da Capoeira enquanto um símbolo de resistência e tentando minimizar sua memória escrava apontando para um caminho racista para a construção de uma cultura nacional.

Para ilustrar esta tentativa de legitimar a Capoeira como sendo brasileira, podemos nos remeter à Aluísio de Azevedo que, em sua obra *O Cortiço*, deixa bem clara esta

¹¹ A navalha é um elemento que foi agregado à capoeira do século XX a partir dos fadistas vindos de Portugal.

idéia ao fazer a descrição do personagem Firmo, usando os traços definidores da raça representante do nacionalismo:

[...] um **mulato** [grifo nosso] pachola, delgado de corpo e ágil como um cabrito, só de maçadas, e todo ele se quebrando nos seus movimentos de capoeira. (...) Pernas e braços finos, pescoço estreito, porém forte; não tinha músculos, tinha nervos (AZEVEDO, 1991, p. 49).

Silva (2002) nos atenta que há, nesta descrição, a *naturalização* das características do personagem, o que é absolutamente compreensível pelo fato de Aluísio de Azevedo pertencer ao gênero literário naturalista, expressando-se através do seu embasamento nas *teorias biologizantes*.

Ainda encontramos traços das visões biologizantes em autores como Sílvio Romero, o qual inicia o pressuposto da origem africana da Capoeira, juntamente com Manuel Raimundo Querino, na mesma época em que Plácido de Abreu iniciava a defesa da “Capoeira brasileira”, final do século XIX, “Não creio que o jogo seja brasileiro, mesmo porque é conhecido com possíveis familiares na América Central” (ROMERO, 1981 apud PIRES, 1996, p. 216).

Romero referia-se a outros tipos de danças, lutas e rituais encontrados em outros países das Américas os quais também receberam negros escravizados advindos da África como a *mani oubombosa*, de Cuba e a *alagya*, de Martinica (SOARES, 1994).

Para reforçar a idéia, anos mais tarde, já em meados do século XX, Luiz da Câmara Cascudo trataria dessa temática a partir das informações colhidas por um viajante português – Neves e Souza – que forneceu dados sobre diferentes manifestações encontradas no continente africano semelhantes à Capoeira como a *Bássula* – luta de pescadores da região de Luanda, a *Dança da Zebra* ou *n’ Golo*¹², da região de Mocupe e Mulondo, atual sul de Angola.

Manuel Raimundo Querino, profundo conhecedor das manifestações da cultura africana no Brasil, filho de escravos da Bahia e descendente de uma longa linhagem de sacerdotisas do candomblé e aristocratas africanos discordara veementemente da Capoeira enquanto “ginástica nacional”, introduzida por Coelho Neto: defendia a origem escrava e africana

¹² De acordo com SOARES, o *n’Golo* tratava-se de “[...] uma dança cerimonial de iniciação [...] Realizada durante as festas do mufico, rito de puberdade das moças do grupo, é executada dentro de um grande círculo de pessoas da tribo, que batendo palmas marcam a cadência. Dentro da roda, dois jovens realizam a dança da zebra, ou *n’Golo*, na qual, imitando movimentos de animais, tentam atingir o rosto do oponente com o pé”.

desta manifestação, indo em total dissonância com as produções da época, onde o racismo científico tomava seu ápice, abrindo caminho à idéia *culturalista* da Capoeira. E, a partir de Querino, temos o início do “paradigma culturalista”¹³, apesar de deixar transparecer resíduos de uma visão biologizante da cultura: “O angola era em geral pernóstico, excessivamente loquaz de gestos amaneirados, tipo completo e acabado do capadócio e o introdutor da capoeiragem no Brasil” (QUERINO, 1988 apud PIRES, 1996, p. 217).

Com essa afirmativa, conseguimos identificar uma *naturalização da cultura*, pois Querino atribui as origens da Capoeira aos negros escravos vindos de angola, fazendo uma generalização de seus trejeitos.

Pires (1996) nos traz um importante esclarecimento sobre o entendimento de Querino. Adverte-nos de que precisamos estar cientes de que Querino classifica como “angolas” os negros vindos da região de Angola esquecendo-se, no entanto, que esta classificação se dava a partir do Porto de embarque dos negros. Os “angolas” eram aqueles que embarcaram no Porto de Luanda bem como os “minas” os que embarcaram no Porto de São Jorge da Mina. Isto significa que nem sempre os negros embarcados eram de uma mesma etnia apesar de apresentarem, na maioria das vezes, um mesmo tronco lingüístico.

Seguindo os rastros deixados por Querino, Edison Carneiro surge como o ponto alto da pradigma culturalista tendo seus trabalhos, sido de fundamental importância para a construção dos símbolos culturais dos negros no Brasil. Carneiro ainda estabelece o pensamento *folclorista* da Capoeira, não buscando uma Capoeira do passado, uma lembrança da escravidão, contudo, não deixando completamente de lado o memorialismo, “Os capoeiras da Bahia denominam o seu jogo de vadiação – e não passa disto a capoeira, tal como se realiza nas festas populares da Cidade. Os jogadores se divertem fingindo lutar...” (CARNEIRO, 1975 apud SOARES, 1994).

Este novo enfoque, a Capoeira enquanto manifestação popular, exemplar da expressão lúdica do povo dá as diretrizes para o tema a partir da década de 30, os quais são reforçados por Cascudo, o qual já foi citado acima, e sofrendo sua saturação com Waldeloir Rego, defensor da capoeira brasileira, em sua obra *Capoeira de Angola: ensaio sócio-etnográfico*, datada de 1968, que seria uma síntese sobre tudo o que fora escrito sobre o tema.

¹³ “O paradigma culturalista veio enfraquecer o modelo biológico e a diferença passa a ser pensada enaunto diferença cultural “ (MAGGIE, 1991, apud PIRES, 1996, p. 218)

O também folclorista General Couto de Magalhães foi um dos poucos a defender a origem indígena da Capoeira, traçando uma ligação direta com o fato de sua etimologia mais aceita ser advinda do Guarani. Magalhães defende a valorização da cultura indígena como alicerce da construção da identidade nacional. Não podemos negar a influência indígena na construção dessa identidade, contudo, o enfoque dado por Magalhães sobre a Capoeira era de primitividade, ação animalesca, gerando uma desvalorização da cultura indígena enquanto civilização organizada e desqualificando a Capoeira enquanto manifestação cultural (PIRES, 1996, p. 223).

A partir de todas estas discussões que permearam o tema desde meados do século XIX até o século XX podemos observar que, na intenção de se estabelecer uma identidade para a Capoeira, segundo Pires (1996, p. 227)

Os intelectuais manipularam as categorias de cor, cultura e nacionalidade o que revela os mecanismos de manipulação das tradições culturais que obedecem aos espaços permitidos pelas ideologias raciais. Dessa forma, eles inscreveram a capoeira como símbolo étnico na sociedade brasileira.

Esta discussão sobre a origem da Capoeira nos conduz a fazer uma análise sobre o processo de ruptura que esta sofreu entre seus praticantes que passaram a se auto-categorizar entre “angoleiros” e “regionais” devido às diferenças ideológicas induzidas pelos intelectuais acima abordados que, na ânsia de estabelecer a Capoeira enquanto parte integrante da cultura nacional, acabaram por fragmentar sua prática.

Esta fragmentação acabou sendo sustentada pela simbologia étnica embutida na prática da Capoeira: Os “regionais” são pautados na origem mestiça, portanto, brasileira da Capoeira enquanto os ditos “angoleiros” na origem puramente negra, ou seja, africana.

A capoeira Regional, por ser produzida a partir de uma relação mais próxima aos discursos desportivos, passa a ser vista, no correr do século XX, como uma forma de “embranquecimento cultural”, frente à capoeira Angola que, seria a representação da pureza e, por isso, da “negritude” (PIRES, 1996, p. 225).

4 Negros e Mestiços

Desde o início da capoeiragem há conflitos étnicos que permeiam o desenvolvimento da manifestação em questão levando, em diversos momentos de sua história, a fragmentações.

Como visto no capítulo anterior, os conflitos étnicos bem como os ideológicos podem ser considerados os principais aspectos que dão sustentação a essas divisões que, antes mesmo de existirem os **Regionais** e os **Angoleiros** – assunto abordado mais à frente – em meados do século XIX já existiam as **Maltas dos Nagoas e Guaiamus**.

4.1 Das Maltas

As **maltas** eram grupos formados por capoeiras os quais se segregavam por motivos étnicos, ideológicos, geográficos e políticos na cidade do Rio do Janeiro do século XIX e se constituíram na unidade fundamental de atuação dos praticantes de capoeiragem:

Durante o Segundo Império, a capoeira chegou ao auge, foi verdadeiramente aquela época a do seu pleno domínio e máximo desenvolvimento [...] Foram formados os partidos aguerridos, as maltas como eram chamados: Conceição da Marinha, Moura Lapa [...] (REVISTA KOSMOS, 1906, apud SOARES, 1994, p. 39).

Por volta da época da Abolição, a nomeação e formação das maltas vinham sofrendo alterações tanto nas nomenclaturas quanto nos campos de atuação: as maltas foram conquistando terreno na cidade e em seus arredores e foram fundindo-se umas às outras até, por fim, terminarem em apenas duas: **Nagoas e Guaiamus**.

Já na época da Proclamação da República, a cidade do Rio de Janeiro se via totalmente dividida em dois grandes grupos rivais, definindo um alinhamento divisório que mantinha

nagoas e guaiamus em lado opostos e em permanente conflito pelo controle geográfico e ideológico:

Dividiam-se em dois partidos – o dos guaiamus e dos nagôs, ou nagoas, cada qual mais ou menos localizado numa parte da cidade. Aludia-se frequentemente à zona dos guaiamus e à zona dos nagoas, como se fossem territórios intransponíveis para uma ou outra facção. (MORAIS, 1985, apud SOARES, 1994, p. 40).

Entre as maltas também existia a preferência política que acabou por se constituir numa maneira de proteger a existência da capoeira uma vez que as perseguições policiais eram freqüentes:

Estava no domínio público a razão principal da impunidade que eles gozavam. Era que chefetes políticos de algumas paróquias não se vexavam de protegê-los, em compensação por serviços que prestavam por ocasião das eleições [...] E isso aprecia encontrar tal ou qual confirmação nesta circunstância: quando subiam os liberais eram mais frequentemente presos os nagoas, acontecendo o inverso se iam para o poder os conservadores [...] (MORAIS, 1985, apud SOARES, 1994, p. 41).

A partir do trecho transcrito acima da obra de Evaristo de Moraes *Da Monarquia para a República*, podemos perceber que os capoeiras faziam o papel de cabos-eleitorais e guardiões dos políticos na época das eleições. Podemos entender tal conduta dos capoeiras a partir da idéia da “troca de favores”, uma vez que o capoeira auxiliava o político em sua proteção e empreitada e, em contrapartida, estes políticos ofereciam proteção a eles. Ainda fica implícito no trecho que os guaiamus defendiam uma política liberal enquanto os nagoas uma política conservadora.

Entrando no ponto onde podemos encontrar as diferenças apresentadas pelas duas maltas, com uma busca etimológica, podemos notar que a particularidade étnica entra em cena mais uma vez. Segundo o dicionário de Macedo Soares, **Nagô = Nagoa**: adjetivo; gente da nação nagô da costa dos escravos da África Ocidental. **Guaiamum**: caranguejos¹⁴.

Ainda encontramos em SOARES, 1994, pp. 45-46, outros estudiosos destas etimologias como Moraes e Silva que se aproxima muito da definição de Macedo Soares - Nagô: “negro iorubano que usava três lanhos no rosto// língua dos nagôs” e Guaiamu: “caranguejo/siri

¹⁴ Reduzi a definição dada por Macedo Soares o qual, em seu dicionário, toma as palavras de frei Vicente do Salvador, cronista do Brasil colonial do século XVII, para recuperar a terminologia indígena: “Há muitas castas de caranguejos, não só no mar e nas praias entre os mangues, mas também em terra ente os matos, uns de cor azul chamados guaiamus [...]” (MACEDO SOARES, 1889 apud SOARES, 1994, p. 45).

de uma só unha”, Agenor de Oliveira atribui a corruptela em tupi-guarani **Qua-ya** “o que mora no buraco, o indivíduo do buraco” e também pode significar **Guara-m-um** “indivíduo negro, escuro... é encontrado nas praias e pântanos da Ilha do Governador e do continente”. A partir de Oliveira, Soares tece um comentário relevante,

Não é inócuo lembrar que, de acordo com a geografia da capoeira, ressaltada por Plácido de Abreu, a área dos guaiamus correspondia á antiga parcela pantanosa da cidade, região em que proliferavam os crustáceos como os do mesmo nome (SOARES, 1994, p. 46).

Em Soares, 1994, podemos perceber que a geografia das maltas nos ajuda a ter um entendimento de sua constituição e ideologias. Os guaiamus ocupavam a zona central da cidade do Rio de Janeiro e os nagoas ocupavam a circunvizinhança. A partir deste dado, conseguimos entender o processo de composição das maltas: a área central, também conhecida por Cidade Velha, onde havia maior densidade demográfica na época, era dominada pelos guaiamus. Esta malta tinha como membros os crioulos, mestiços, navalhistas. Os nagoas ocupavam as regiões mais distantes e menos povoadas, regiões estas que, tradicionalmente, recebiam os escravos recém-chegados. Por este motivo, identificava-se um maior número de capoeiras africanos nesta malta.

Não só geograficamente as maltas se diferenciavam. Existiam diversos aspectos pelos quais seus integrantes faziam questão de se contrapor. Diferenciavam-se até pela cor e estilos das vestimentas.

Os guaiamus eram designados pela cor vermelha, advinda da indiarria pela pintura com o urucum e pela predileção portuguesa.

Os nagoas ficavam com o branco que, segundo plácido de Abreu significava “pureza, alegria, dedicação aos santos não martirizados”.

Segundo análise feita por Soares,(1994, p.48), a partir destes dados temos o apontamento de uma tendência: “[...] nagoa teria relação com africanos e baianos, seguidores da religião dos orixás, ou pelo menos próximos. Guaiamum seria uma tradição nativa, “crioula”, natural da terra, ligada aos escravos nascidos no Brasil”.

Na gravura que se segue, temos claramente um negro para ilustrar os nagoas e um mulato para designar os guaiamus.



Figura 7: Nagoas e Guaiamus
Fonte: SOARES (1994)

4.2 Bimba é Bamba...

A Capoeira Regional teve como criador e defensor Manoel dos Reis Machado – o Mestre Bimba. Nascido em 23 de Novembro de 1899 em Salvador/BA, Mestre Bimba teve sua iniciação na Capoeira aos doze anos de idade. Aprendeu a arte como ela se apresentava na época: pelas ruas da cidade, tida como manifestação de marginais. Desta maneira teve a oportunidade de apreender a Capoeira em seu todo – enquanto forma de luta, vadiação, divertimento, defesa pessoal, expressão lúdica, folclórica, entre outras.

Segundo análises das obras referentes à Mestre Bimba feitas por Silva (2002, p.101) o Mestre “diferenciava a Capoeira entre aquela praticada nas rodas (a de exibição e fruição), a dos ringues (modalidade esportiva) e a das ruas (marginal)”.

Mestre Bimba ministrava aulas de Capoeira, clandestinamente, na década de 20 às pessoas ligadas ao seu círculo de relações e, com o passar do tempo, sua Capoeira foi tomando dimensões maiores e ampliou-se o número de participantes pertencentes às camadas mais elevadas de Salvador.

Bimba foi-se distanciando da Capoeira “original” pelo fato de considerá-la uma *luta ineficiente*. E, desta maneira, foi fazendo as modificações necessárias para que surgisse a **Luta Regional Baiana**, cujo próprio nome nos revela a característica primeira na qual Bimba intencionava inserir a Capoeira. A luta regional baiana era uma mistura da Capoeira tradicionalmente praticada com alguns golpes e posições oriundas do *batuque*, modalidade na qual seu pai merecia grande destaque.

Podemos encontrar na Luta Regional Baiana influências de Annibal Burlamaqui, o pioneiro em propor, em 1928, uma metodização da Capoeira admitindo sua origem escrava, “Nascendo a capoeiragem nasceu o primeiro esforço para a liberdade dos cativos no Brasil e, sendo assim, a sua origem é, pois, santificada”. (BURLAMAQUI, 1928, apud SILVA, 2002 p. 77).

O método proposto por Burlamaqui foi chamado de *Método Zuma*:

“[...] Zuma é a quarta parte de meu segundo nome, como também porque uma feliz coincidência faça com que se perceba a letra Z no centro de campo de luta que adoptei

para meu methodo de capoeiragem, diferenciando-o dos campos de sports communs” (BURLAMQUI, 1928 apud SILVA, 2002, p. 78, como no original).

Este método se assemelhava muito ao Boxe, pois se dava a partir de assaltos com duração de três minutos e intervalos de dois, até se completar uma hora e, caso houvesse empate na contagem dos pontos, o combate seguiria até a queda mortal (nocaute). A luta se daria numa área determinada por dois círculos tendo, o maior deles, um raio de 4 metros e, o menor, um raio de cinquenta centímetros, onde se daria o embate. Dentro deste campo, uma letra Z, que serviria de rota para a apresentação dos lutadores. O Juiz permaneceria entre os círculos maior e menor.

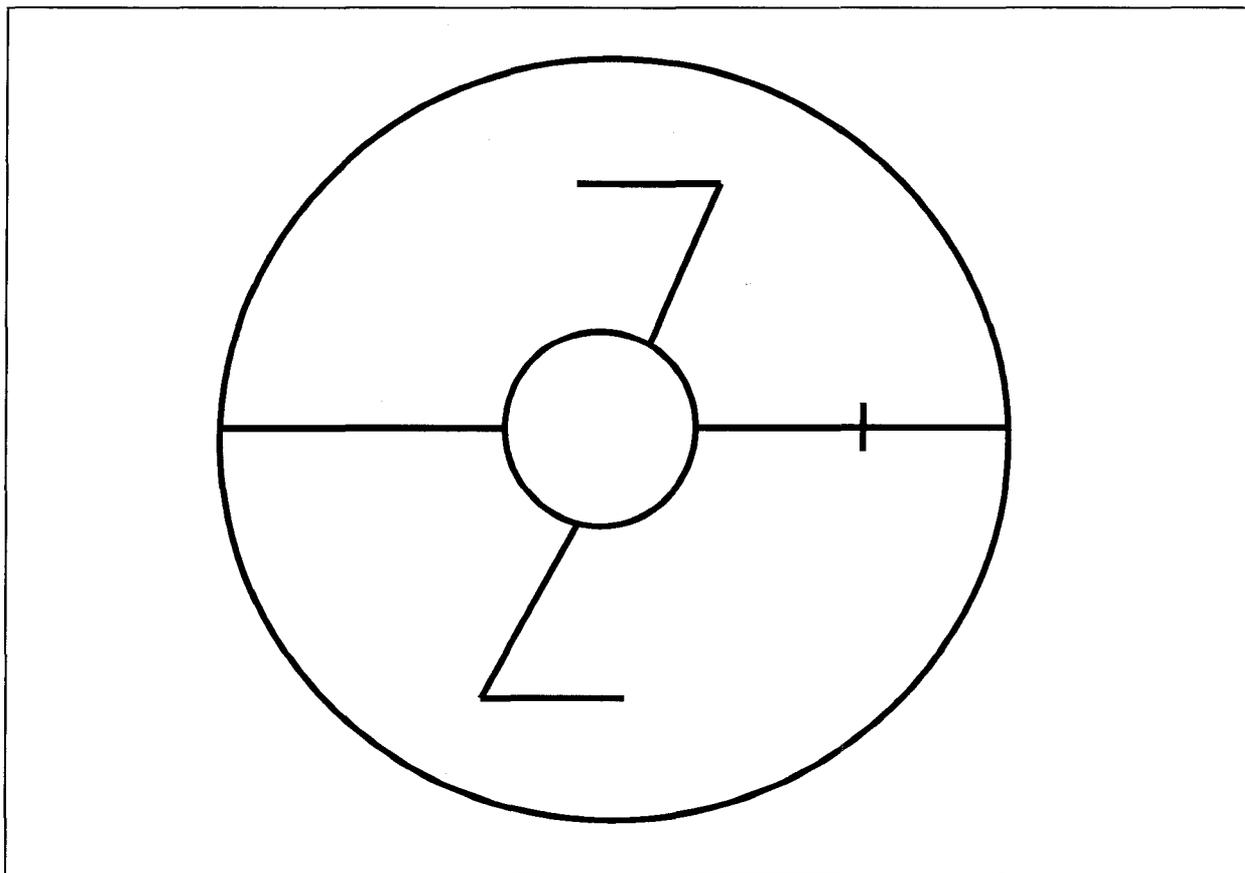


Figura 8: Campo de combate Método Zuma.
Fonte: SILVA (2002, p. 82)

Contudo, anteriormente a Burlamaqui, há registro de uma primeira sistematização da Capoeira assinada por O.D.C.¹⁵, 1907: *O Guia da Capoeira ou Gymnastica brasileira*, que tinha o intuito de incorporar a Capoeira como luta ou ginástica nacional:

[...] levantar a Gymnastica Brasileira do abatimento em que jaez(ia), nivelando-a como singularidade pátria, ao socco inglez, á savatta franceza, à lucta allemã, às corridas e jogos tão decantados em outros paízes. Nossa briosa mocidade hoje descinece pal mor parte, os trabalhos e termos da art antiga, e por isso nós resolvemos publicar o presente guia (O.D.C., 1907, apud SILVA, 2002, p. 72, como no original).

Nesta obra O.D.C. deixa clara sua concepção de capoeira enquanto luta de defesa pessoal quando faz uso das seguintes palavras, “[...] ensinando a qualquer pessoa o meio de deffender-se de possíveis agressões sem o auxílio de armas e só com os recursos naturaes dos braços, cabeça e pés [...]”.

Após essa breve explanação sobre o surgimento de sistematizações e metodologias para a Capoeira, retornamos à Luta Regional Baiana. Para Silva (2002), o intuito de Mestre Bimba com a criação desta era de elevar o *status* da Capoeira. E, para que isso ocorresse, retirou o ensino e prática da Capoeira das ruas, local de marginalidade e contravenção, transferindo-a a um local fechado: a academia. Passou a estabelecer regras éticas e morais aos seus alunos como não fumar, não beber, estudar possuir um trabalho¹⁶.

A partir disso, podemos perceber que o mestre foi justamente ao encontro de todas as premissas de educação moral e cívica que regiam o ensino formal da época, incluindo as ordens disciplinares em que se pautava a educação física. Vemos, ainda, que Mestre Bimba demonstrou uma enorme “[...] capacidade de compreender o momento histórico onde estava inserido e se adequar a ele” (SILVA, 2002, p. 103).

Foi então que, em 1937, mestre Bimba conseguiu o registro oficial do **Centro de Cultura Física e Capoeira Regional**, o qual funcionava na ilegalidade desde 1932, autorizando-o a ministrar suas aulas. Com sua academia regulamentada Bimba não tardou em

¹⁵ Em Pires, 1996, há uma hipótese de que O.D.C. seria Coelho Neto que preferira não se identificar por causa dos valores atribuídos à Capoeira na época: “Actualmente o capoeira é representado pelo desgraçado vagabundo, trouxa, cachaça, gatuno, faquista ou navalhista” (O.D.C., 1907, apud SILVA, 2002, p. 72, como no original) e também pela função que exercia: “[...] um distinto official do exército brasileiro, mestre em todas as armas, professor de militares e habilíssimo na gymnastica deffensiva ou verdadeira arte do capoeira” (O.D.C., 1907 apud SILVA, 2002, p. 73, como no original).

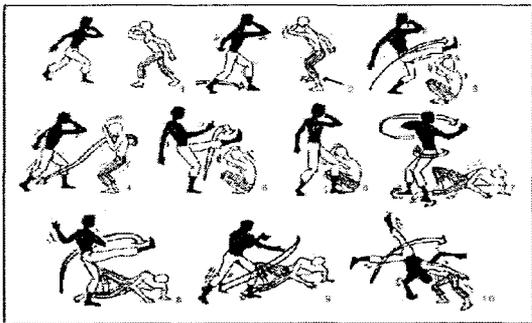
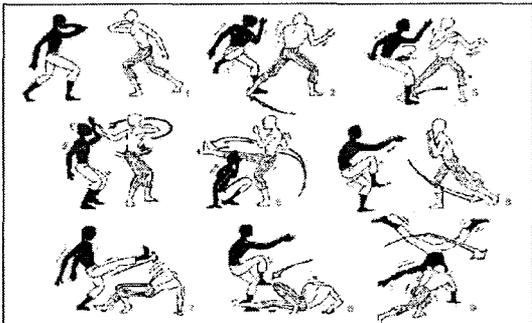
¹⁶ Nota-se uma preocupação em desvincular a imagem do capoeira ao do malandro vagabundo.

divulgar sua metodologia para o ensino-aprendizagem da Capoeira Regional, a *Seqüência de Ensino* ou, como ficou conhecida até os dias de hoje, a *Seqüência de Bimba* entendida por Silva (2002), como uma codificação organizada por ele para repassar sua experiência adquirida no mundo capoeirístico¹⁷.

Para Mestre Itapoan – Raimundo César Alves de Almeida¹⁸ - Mestre Bimba dizia que:

Esta seqüência é uma série de exercícios físicos completos e organizados em um número de lições práticas e eficientes, a fim de que o principiante em capoeira, dentro do menor tempo possível, se convença do valor da luta, como um sistema de ataque e defesa (ALMEIDA, 1982, apud SILVA, 2002, p. 104).

Podemos acompanhar a seqüência pedagógica proposta por Bimba nas ilustrações e explanações que se seguem sobre elas:

PRIMEIRA SEQÜÊNCIA DE BIMBA		
<p><u>Aluno 1</u></p> <p>Meia-Lua de frente Meia Lua de frente com armada Aú Rolê</p>	<p><u>Aluno 2</u></p> <p>Cocorinha Cocorinha com negativa Cabeçada</p>	
SEGUNDA SEQÜÊNCIA DE BIMBA		
<p><u>Aluno 1</u></p> <p>Queixada Queixada Cocorinha Benção Aú Rolê</p>	<p><u>Aluno 2</u></p> <p>Cocorinha Cocorinha Armada Negativa Cabeçada</p>	

¹⁷ Adotarei a definição de SILVA, 2002, para o termo mundo capoeirístico sendo, este “o universo cultural produzido pelos praticantes desta manifestação cultural não vinculados ao meio universitário”.

¹⁸ Mestre Itapoan, dentista por profissão, começou a praticar a capoeira em 1964 com Mestre Bimba e é, hoje, um dos maiores conhecedores deste símbolo da Capoeira. Foi quem escreveu e divulgou a biografia do Mestre.

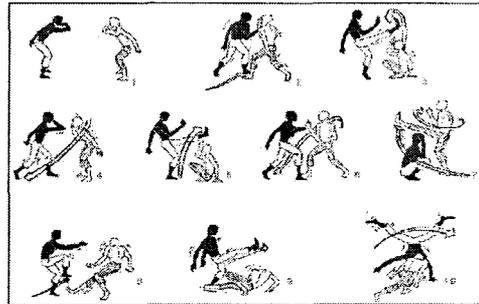
TERCEIRA SEQÜÊNCIA DE BIMBA

Aluno 1

Martelo
Martelo
Cocorinha
Benção
Aú
Rolê

Aluno 2

Banda
Banda
Armada
Negativa
Cabeçada



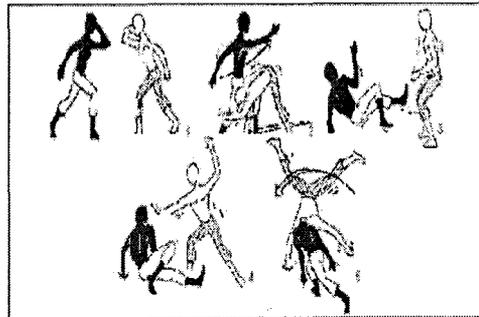
QUARTA SEQÜÊNCIA DE BIMBA

Aluno 1

Goldeme
Goldeme
Arrastão
Aú
Rolê

Aluno 2

Bloqueio
Bloqueio
Galopante
Negativa
Cabeçada



QUINTA SEQÜÊNCIA DE BIMBA

Aluno 1

Giro
Joelhada
Negativa
Aú
Rolê

Aluno 2

Cabeçada
Negativa
Cabeçada

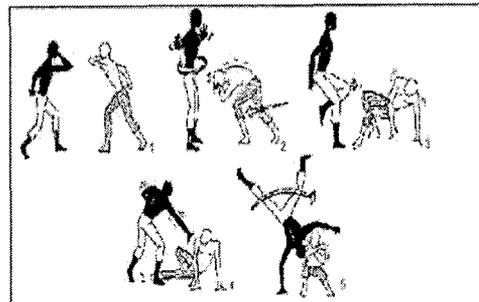




Figura 9: As seqüências de Bimba
 Fonte: Unicar Portugal (2006)

Podemos perceber que a metodologia se assemelha aos métodos ginásticos no que concerne à execução de movimentos descontextualizados de seu sentido como forma de aprender o movimento e fortalecer o corpo. Contudo, quando

inseridos no jogo de Capoeira, passavam a fazer total sentido e, com isso, Bimba conquistou grande sucesso no ensino-aprendizagem da Capoeira com estas seqüências.

A Metodologia de Bimba ainda possui alguns outros movimentos como a ponte¹⁹, e a queda de rim²⁰, além de uma outra seqüência de golpes conhecida por *Cintura Desprezada*, também conhecida por *Balões* ou *Golpes Ligados*. A partir da Cintura Desprezada a polêmica sobre a pedagogização e a descaracterização da Capoeira tomou proporções maiores, pois esta seqüência lança mão de golpes de outras lutas para sua composição, gerando descontentamento dos praticantes da Capoeira Tradicional.

Bimba ainda foi o responsável por inserir o ritual do *Batizado* na Capoeira. Este ritual consiste na demonstração do aprendizado do aluno em uma roda de Capoeira tendo, este, que jogar com um membro mais antigo e conseguir operacionalizar os ensinamentos obtidos durante seis meses de treinamento. Superada esta primeira fase que se legitimava neste ritual, o aluno recebia um lenço²¹ como forma de graduação. Na continuidade da formação dos capoeiristas por Mestre Bimba, mais três meses de treinamento que se dividiam ente dois na academia e um na mata da Chapada do Rio Vermelho em Salvador/BA, treinamento este que Mestre Bimba considerava importante pelo fato de terem de vivenciar emboscadas e aprender a manejar armas brancas como porretes, foices e facões.

Através desta prática conseguimos visualizar uma grande proximidade que Mestre Bimba tinha com os treinamentos militares, uma vez que Bimba ministrou aulas no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Exército (CPOR) de Salvador, durante três anos a partir de 1939. Podemos, ainda, ver esta influência na maneira como ministrava suas aulas na academia:

[...] era emocionante vê-se aquela figura, que era o Mestre, todo vestido de branco desde às primeiras horas da tarde, com um apito pendurado no pescoço (...) multando os formando que chegassem atrasados (...) A multa correspondia em pagar para os formados antigos, uma ou mais cervejas [...] (ALMEIDA, 1982, apud SILVA, 2002, p. 113). A partir deste trecho escrito por Mestre Itapoan, já citado anteriormente, podemos verificar o distanciamento de Bimba relacionado

¹⁹ A ponte é um elemento proveniente da ginástica artística inserida por Mestre Bimba no contexto capoeirístico que é usada como elemento de ligação ente movimentos e/ ou golpes.

²⁰ A queda de rim é um movimento utilizado para fazer reverência ao comandante da roda e também para anunciar o início do jogo. Também pode ser usado como elemento de ligação a outros movimentos ou golpes.

²¹ O lenço usado por Mestre Bimba pode ser entendido como uma influência dos navalhistas portugueses que usavam um lenço de seda pura no pescoço para se protegerem do fio da navalha, pois esta seria incapaz de cortar o tecido.

aos preceitos morais quando a multa faz-se através de bebidas alcoólicas, aproximando a Capoeira da vadiagem – fator este que o Mestre demonstrava querer desvincular e, ao mesmo tempo, vemos uma aproximação ao militarismo, o qual exercia extrema influência nas práticas físicas da época, quando vemos Bimba “com um apito pendurado no pescoço”, como diz no excerto acima.

Talvez tenha sido a partir desta aproximação com o militarismo reinante na época e a vinculação da Capoeira à valores éticos (apesar do trecho acima refutar esta afirmativa) que mestre Bimba tenha conquistado e aberto o espaço da Capoeira Regional tendo conquistado até o apoio do então Presidente da República Getúlio Vargas quando este, num encontro no Palácio do Governo em 1953, proferiu as seguintes palavras: “*A Capoeira é o único esporte verdadeiramente nacional*”

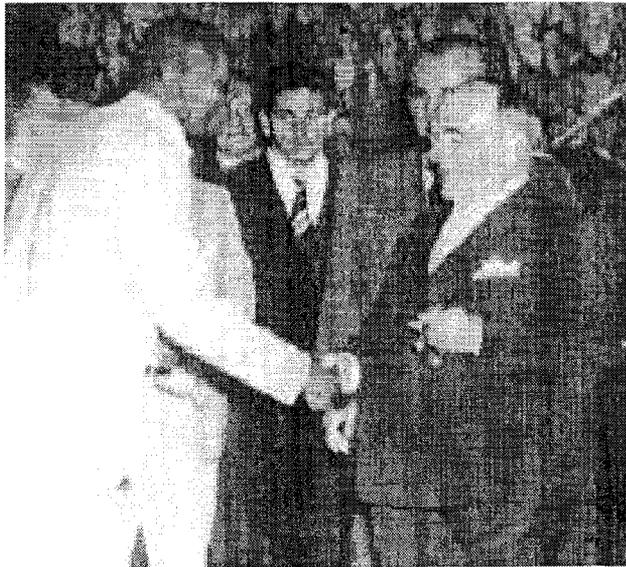


Figura 10: Mestre Bimba e o Governo
Fonte: Capoeira Gerais (2006)

Mestre Bimba veio a falecer no dia 05 de Fevereiro de 1974 devido à um enfarto fulminante após sua última roda de Capoeira. Este fato deu-se em Goiânia para onde foi com a família seguindo uma falsa proposta feita pelo Governo de que teria excelentes condições para disseminar a Capoeira Regional. O Mestre foi enterrado em Goiânia e, em 1978, seus restos mortais foram levados à Salvador onde se encontram até hoje. Deixou 13 filhos, milhares de alunos e um lema: “*A Capoeira é a arte do bem-viver*” (Associação de Capoeira Mestre Bimba, 2006).

4.3 E salve Mestre Pastinha... e a Capoeira angola

Vicente Ferreira Pastinha nasceu no dia 05 de abril de 1889 na cidade de Salvador/BA. Teve sua iniciação na Capoeira aos dez anos de idade através dos ensinamentos de um negro Angolano chamado Benedito.

Mestre Pastinha optou por aprender a Capoeira devido ao fato de sempre levar a pior nas brigas que aconteciam com um garoto mais velho, o qual vivia perseguindo-o e que morava em sua rua. Após aprender alguns fundamentos, certo dia, numa das investidas de briga do garoto, Pastinha lançou mão dos conhecimentos que adquiriu com Benedito e conseguiu, pela primeira, única e última vez, levar a melhor diante do garoto. Por este motivo, Pastinha passou a nutrir admiração por esta forma de luta e afirmava que:

[...] esse jeito de lutar de brincadeira, como ainda fazemos hoje, era a maneira do escravo se exercitar, disfarçando-se de bailarino na frente do feitor, [...] capoeirista é mesmo muito disfarçado, ladino, malicioso. Contra a força, só isso mesmo (REIS, 1997 apud SILVA, 2002, p. 116).

Através desta passagem, podemos notar a defesa de Mestre Pastinha quanto à origem escrava da Capoeira que acabou sendo sufocada pela esportivização e branqueamento de tal manifestação.

Pastinha começou a ensinar a Capoeira muito cedo, primeiramente na Escola da Marinha, posteriormente, entre 1910 e 1922 no Mirante do Campo da Pólvora e, por fim, no Cruzeiro de São Francisco a partir de 1922. No final da década de 20, Mestre Pastinha abandonou a Capoeira retornando apenas no início da década de 40, e até hoje não se sabe o motivo. Segundo observações feitas por Pires, 1996, este afastamento pode ter ocorrido por motivos particulares.

Na tentativa de resgatar a Capoeira original, alguns Mestres como Livino, Maré, Aberrê, Amouzinho entre outros costumavam se reunir na Ladeira da Pedra, no bairro da Liberdade, em Salvador para jogar Capoeira. Esta roda também era conhecida como *Roda da Gengibirra*, onde, segundo palavras do próprio Mestre Pastinha “[...] Lá era uma roda com os maiores mestres da Bahia [...], lá só tinha mestre, nada de aluno, só mestre [...]” (FILHO, 1997 apud SILVA, 2002, p. 120).

Até então, a roda da Gengibirra era administrada por Amouzinho, que, no dia 23 de fevereiro de 1941 passa a frente da roda para Mestre Pastinha como podemos ver com seu próprio depoimento:

Aberre então me convidou para ir apreciá-lo jogar na Gengibirra, com o que eu concordei. Em vinte e três de fevereiro de 1941 fui a esse lugar como prometera a Aberre e, com surpresa, o Sr. Amouzinho, dono daquela capoeira, apertando-me a mão disse-me: hpa muito que o esperava para lhe entregar esta capoeira para o senhor mostrar. Eu ainda tentei me esquivar desculpando-me, porém terminando a palavra o Sr. Antônio Maré disse-me: não há jeito não Pastinha, é você mesmo quem vai mostrar isso aqui (FILHO, 1997, apud SILVA, 2002, p. 119).

Na ânsia de legitimar a Capoeira Angola como a forma original e tradicional da Capoeira em confronto com a Regional, que ganhara espaço, Mestre Pastinha tomou a frente da Roda da Gengibirra que, em determinado momento que não se sabe ao certo quando, passou a se chamar **I Centro Desportivo de Capoeira Angola**. Enquanto a Capoeira Regional tinha o apoio Governamental, a Capoeira Angola tinha o apoio dos intelectuais da época como Edison Carneiro, Caribé e Jorge Amado fator, este, encorajador para que os angoleiros seguissem em frente na empreitada de legitimar a Capoeira Angola enquanto símbolo da legítima Capoeira.

Com a morte de Amouzinho em 1944, Mestre Pastinha passou a dar um rumo diferente ao Centro. Onde era um local apenas de fruição da Capoeira entre os conhecedores da arte, passou a ser um local de ensino desta prática, o que não agradou aos demais capoeiristas que abandonaram a Gengibirra. Passando por momentos difíceis, Pastinha muda-se do bairro da Liberdade passando por diversos locais até se fixar, em 1950, na Ladeira do Pelourinho, número dezenove.

Não se sabe ao certo quais foram os reais motivos pelo qual houve a ruptura entre os angoleiros, contudo, a partir dos manuscritos do Mestre Noronha, podemos considerar esta possibilidade:

[...] Centro de Capoeira Angola foi no Morro da Ladeira da Pedra – Liberdade cujo Centro esta entregue au SNR Vicente Pastinha que este da Ladeira do Pírolinho nº 19. Foi o único da nossa confiança nossa na épica foi registrado por Vicente Pastinha e fez muito aluno e nos ficamo izolado do Centro porque os grande amigo hero os dono ate a propia mulher hera a dona uma tal Nice a origem do nosso afastamento do centro do Perolino nº 19 nos dono não tivemos direito a nada [...] (COUTINHO, 1993 apud SILVA, 2002, p. 121, como no original).

De acordo com as palavras de Mestre Noronha, pudemos verificar que o motivo da ruptura tenha sido uma guerra de poderes que se deu entre os fundadores do Centro que então, resolveram se desligar de Pastinha, o qual “[...] passou a encabeçar novas mudanças para que a Capoeira Angola se adaptasse ao momento histórico” (SILVA, 2002, p. 121), fator este que causou desagrado a outros membros como Mestre Noronha e mestre Livino, os quais fundaram o **Centro de Capoeira Angola Conceição da Praia**.

Mestre Pastinha seguiu com os ensinamentos da Capoeira Angola não tendo a proximidade pedagógica militarista vigente na época. Buscava dar grande ênfase às minúcias do jogo, ao ritmo, aos rituais para que a Capoeira primeira ainda se fizesse presente nas rodas: “Angola, capoeira mãe. Mandinga de escravos em ânsia de liberdade; seu princípio não tem método; seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista²²”.

A partir desta explanação sobre os principais tipos de Capoeira que se desenvolveram no decorrer dos anos, podemos chegar à conclusão de que todas as vertentes tiveram papel fundamental na legitimação da identidade da Capoeira enquanto símbolo nacional, independente de suas origens mais remotas. O papel de bandidagem, malandragem e vadiagem não mais couberam a esta manifestação, uma vez que passou a ser legalizada desde 1937. Contudo, até os dias de hoje, a Capoeira vem sofrendo modificações que se fazem de acordo com o momento histórico.

²² Estes dizeres ficavam fixados na parede da academia de Capoeira de mestre Pastinha, segundo Reis (1997, p. 142).

5 No jogo de dentro²³

As diversas fragmentações e ressignificações que a Capoeira sofreu ao longo de sua trajetória podem ser entendidas como uma questão de sobrevivência desta manifestação.

Otávio Ianni (1992) encontrado em Abib (2004, p. 17) nos traz a idéia da apropriação de padrões, signos e valores como forma de se armar para a defesa, a resistência e a emancipação. Esta situação, quando transposta para o mundo capoeirístico, nos auxilia no processo de entendimento de suas fragmentações que foram fruto de um preconceito pautado nas suas origens e no seu desenvolvimento, o qual se deu entre os negros e mestiços, escravos ou libertos tendo, como ponto comum, o pertencimento à classe mais inferior da sociedade, estigmatizada pela classe branca, elitizada e dominante, justificando os caminhos tomados pela Capoeira na contemporaneidade.

5.1 O Preconceito, a relação identitária e a Capoeira

Agnes Heller (2000) define o preconceito como sendo “um tipo particular de juízo provisório” e, sendo este provisório, tem a chance de se modificar através das experiências sociais e individuais. Seguindo a mesma linha de Heller, temos Sant’Anna (2001) que coloca o preconceito como parte integrante dos fenômenos sociais e, ainda, dos fenômenos psicológicos. Sendo assim, Sant’Anna conceitua o preconceito como sendo

uma opinião preestabelecida, que é imposta pelo meio, época e educação. Ele regula as relações de uma pessoa com a sociedade. Ao regular, ele permeia toda a sociedade, tornando-a uma espécie de mediador de todas as relações humanas. Ele pode ser definido, também, como uma indisposição, um julgamento prévio, negativo,

²³ O jogo de dentro é uma forma de se jogar a Capoeira. É aquele jogo que explora os mínimos espaços, é baixo, minucioso e cheio de armadilhas.

que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos. (Sant'Anna, 2001, p. 54)

Quando Sant'Anna coloca o preconceito como um julgamento de **peçoas** estigmatizadas por **estereótipos** podemos estabelecer aqui uma conexão com as identidades.

A identidade, segundo Ferreira (2000) é “uma referência em torno da qual o indivíduo se auto-reconhece e se constitui, estando em constante transformação e construída a partir de sua relação com o outro”.

Neste estudo, trataremos da identidade não como uma atribuição individual como na citação de Ferreira (2000) mas, tomá-la-emos de uma maneira mais abrangente, identificando-a como fator determinante de uma manifestação, neste caso, a Capoeira.

Podemos identificar como ponto fundamental desta citação as palavras **transformação e relação com o outro**. São elas que vão permitir o entendimento das reestruturações que a Capoeira precisou assumir no decorrer de sua história chegando aos dias atuais.

A identidade negra e marginal atribuída à Capoeira ao longo da sua história estava em total dissonância com os preceitos e ideais europeus de pureza e, por conseguinte, totalmente distante da aceitação e “reconhecimento do outro.” Este “outro” entende-se pelas elites brancas e dominantes dos séculos XIX e XX que viviam sob forte influência européia tornando a Capoeira e seus praticantes alvos de um preconceito explícito legitimado pelo próprio Código Penal, levando a um processo discriminatório pungente.

A busca pelo reconhecimento do outro e a necessidade de um pertencimento identitário fizeram com que a Capoeira sofresse algumas transformações. Entre as premissas básicas para o enquadramento da Capoeira numa condição de aceitação estava sua elitização com conseqüente “branqueamento”²⁴ de sua prática pois a elite branca dominante não poderia ter envolvimento com uma cultura negra, tida como inferior, legitimada pelo processo escravocrata.

Para o estabelecimento desse branqueamento, e um concreto reconhecimento da Capoeira enquanto uma prática honrada era necessário inserir a

²⁴ O branqueamento é aqui entendido como um processo de afastamento dos negros da prática capoeirística e uma aproximação maior da elite com o intuito de se estabelecer uma identidade branca para a Capoeira.

Capoeira em um outro contexto, afastando-a das ruas, da marginalidade, da vadiagem e da pobreza e, neste momento, surgem as diversas formas de enquadramento da Capoeira: ginástica, esporte e luta que passam a se interpor e a coexistir.

5.2 A Capoeira aproximando-se da Educação Física

Os métodos ginásticos europeus foram os alicerces para uma nova estruturação da Capoeira no Brasil. A partir do pressuposto apresentado por Wagner Wey Moreira e Michelle Carbinatto (2006), os métodos ginásticos correspondem às primeiras formas de sistematização das atividades físicas, apresentando um caráter disciplinar e metódico, aprisionando as formas e as linguagens da prática corporal.

As principais sistematizações, baseados nos conceitos anatômicos e fisiológicos, vieram, dentre outros, a partir do Método Sueco, Alemão, e Francês tendo, este último, sido adotado no Brasil como norteador da Educação física no país. De acordo com Soares (1994, p.64), a partir desta época, a Ginástica passou a desempenhar importantes funções na sociedade industrial, preparando os indivíduos para o novo sistema capitalista e “[...] apresentando-se como capaz de corrigir vícios posturais oriundos das atitudes adotadas no trabalho, demonstrando assim, as suas vinculações com a medicina e, desse modo, conquistando status”.

O modelo de Capoeira enquanto método ginástico brasileiro foi proposto inicialmente por Coelho Neto no intuito de *dignificar* a prática da capoeiragem. Foi ele quem introduziu e oficializou o ensino da Capoeira nas Forças Armadas Brasileiras. Seguido pelo Professor Inezil Penna Marinho, autor da obra *Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem*, premiada em 1944 como melhor monografia pelo então Departamento Nacional de Educação, do Ministério da Educação e Saúde (SILVA, 2002). Penna Marinho propõe que sua prática se estabeleça à serviço da Educação Física, a qual adquiriu forte conotação militarista, uma vez que a maioria das escolas de professores e monitores de Educação Física no Brasil estava vinculada às Forças Armadas.

Esta condição da Capoeira enquanto método ginástico brasileiro pode ser pensada enquanto uma tentativa de aproximação dos métodos ginásticos europeus sem que fosse perdido o caráter da valorização do nacional.

[...] em nossa terra adquiriu verdadeiramente as características que fizeram do box a arma do inglês, da savata a arma do francês, do jiu-jitsu a arma do japonês, do jogo do pau a arma do português. A capoeiragem foi a arma dos brasileiros, que os portugueses do século passado tanto temeram [...] (MARINHO apud SILVA, 2002, p. 133)

A partir do trecho acima, conseguimos notar a tendência em tomar a Capoeira não somente como método ginástico, mas sim como forma de luta nacional ou, ainda, um método de defesa pessoal nacional. Este fator ganha mais força se atentarmos para o fato de que Penna Marinho fora discípulo de Sinhozinho, sobre o qual trataremos logo a seguir, e que também sofreu forte influência de Annibal Burlamaqui. Tanto que em sua obra, Penna Marinho faz menção a ambos em sua dedicatória.

Num outro momento, segundo informações levantadas por Silva (2002), no ano de 1982, Penna Marinho aliado a alguns profissionais da educação física elaboram um projeto resumido de *A ginástica brasileira*²⁵, o qual tinha a intenção de elaborar um Método ginástico Brasileiro lançado mão da Capoeira como o alicerce desta proposta.

Silva (2002) ainda nos traz a informação de que o autor pretendia realçar o espírito nacional em detrimento aos métodos ginástico estrangeiros que pouco ou nada se identificavam com o povo brasileiro e, sendo assim, afirmava que era necessário

[...] criar a nossa Ginástica Brasileira, cujo ritmo brote espontaneamente de nosso interior e cujos movimentos correspondam à nossa estrutura psico-somática e se insiram no nosso contexto-histórico-cultural. (MARINHO, 1982 apud SILVA, 2002, p. 163).

²⁵ Segundo Silva (2002, p. 160) este trabalho foi apresentado como comunicação técnico-científica no Congresso Mundial da Associação Internacional de Escolas Superiores de educação Física, Brasília, 1982.

Silva (2002) ainda analisa esta proposta de Penna Marinho a partir de três vertentes, que não se relacionam entre si, como tentativa de justificar a incorporação da capoeira à educação física e são elas:

- a Capoeira Esporte/Ginástica, parte central da metodologia – momento privilegiado de intervenção do profissional de educação física;
- a Capoeira Folclore – remanescente da vivência elaborada pelos seus praticantes e construída historicamente;
- a Capoeira Marcial – destinada ao treinamento dos soldados das forças Armadas e da polícia.

Inezil Penna Marinho, para justificar a inserção da Capoeira nas forças Armadas lançou mão de fatos históricos como a participação dos capoeiras no episódio da Revolta dos Mercenários e as grandiosas manifestações da “capoeira de ringue”²⁶, como veremos a seguir.

A “Capoeira-luta” ganhou bastante espaço no início do século XX, época em que começaram a acontecer diversos embates tanto entre capoeiras *versus* praticantes de outras lutas como capoeiras *versus* capoeiras. O primeiro registro que se tem deste tipo de prática é datado de 1909.

Esta prática ganhou mais força na década de 1920, com a chegada de Agenor Moreira Sampaio, conhecido por Sinhozinho, ao Rio de Janeiro. Exímio capoeira e preparador de lutadores para a “Capoeira de ringue” treinou duas gerações de capoeiras e foi o responsável pela disseminação desta prática, tendo os modelos ginásticos europeus como tangenciadores de seus treinamentos: montou “um centro de treinamentos em um terreno baldio, onde colocou aparelhos de barras fixas, paralelas, levantamento de peso, cordas e aparelhos de treinar capoeira feitos de cabo de vassoura” (PIRES, 2001 apud SILVA, 2002).

Esta prática se estendeu por diversos anos tanto no Rio de Janeiro como também na Bahia onde temos como adepto a ela Mestre Bimba, o criador da Capoeira Regional. No início de 1936 foi inaugurado o *Stadium Odeon da Sé*, tendo Manuel dos Reis Machado (Bimba) X Henrique Bahia fazendo a luta inaugural da noite. Bimba saiu vencedor e, com isso, recebeu o *cinturão de campeão baiano de capoeira*.

No dia seguinte, o evento foi noticiado em diversos jornais da época:

²⁶ Capoeira de ringue é um termo encontrado em SILVA, 2002, para designar a prática combativa da Capoeira que acontecia nos ringues.

[...] “Bimba é Bamba”, gritavam as galerias quando mestre Bimba subiu ao tablado com seu adversário Henrique Bahia. Numa fila, cidadãos norte-americanos, depois de apreciarem como conhecedores o boxe mostravam interesse em ler as letras do desporto nacional. E Bimba as escreveu magistralmente. Depois de vários minutos de jogo cadenciado, cheio de passes de agilidades e de contorções felinas, mestre Bimba projetou em grande estilo seu adversário ao chão sob aplausos calorosos com um pontapé no peito (ABREU, 1999, apud SILVA, 2002, p.92).

Com o passar dos anos, a Capoeira de ringue foi tomando proporções nacionais e se iniciou um processo competitivo entre os capoeiras baianos e cariocas: Os alunos de Sinhozinho e Mestre Bimba passaram a se enfrentar buscando a hegemonia nesta forma de luta. Sinhozinho conquistou maior prestígio ao conquistar a vitória sobre Bimba, contudo, com o passar do tempo e a degradação deste tipo de prática, que se deu em torno de 1950, devido à grande dificuldade de se estabelecer regras para o combate, a Capoeira baiana sofreu um sobressalto que a colocou numa posição de destaque, mérito que pode ser atribuído a Mestre Bimba, o criador da Luta Regional Baiana.

Apesar de a Capoeira de ringue ter sido exaltada pela opinião pública como pudemos ver no excerto acima, esta, no seu período de degradação, foi bastante criticada devido aos atos violentos que se fizeram presentes. Os lutadores passaram a ser chamados de “gladiadores do século XX”, conforme encontrado em Pires, 1996. Mas, mesmo com esse triste fim, a Capoeira de ringue contribuiu muito para que se estabelecesse os novos rumos desta manifestação: em 1937 sua prática foi legalizada, fator este impulsionado pela sua incorporação como uma modalidade de luta:

Em 1930, no Rio de Janeiro, foi fundada a 1ª Federação de Pugilismo do Brasil que ficou subordinada, a partir de 1933, à confederação Brasileira de Pugilismo, fundada neste ano. No artigo 3, do capítulo único, da citada Confederação lia-se ‘Entendem-se por pugilismo todos os desportos praticados em ringues, tais como Bom, Jiu-jitsu, Catch-as-catch-can. Lutas: livre, romana, brasileira (capoeiragem), etc. Assim sendo, deve-se registrar que na década de 30, no Rio de Janeiro, se processou um movimento de ‘oficialização da capoeira’ pela via do pugilismo, já estando neste Estado, na ocasião, solidificada a expressão capoeiragem: luta nacional (ABREU, 1999, apud SILVA, 2002, p. 87).

Este trecho nos mostra que, para que a lei não fosse transgredida, o termo *capoeira* foi deixado de lado e subentendido como *luta brasileira*. Ainda podemos perceber a amplitude e o impacto exercido pela Capoeira de ringue na sociedade da época e seu fortalecimento através do fenômeno **esporte**²⁷.

²⁷ O esporte referenciado neste estudo é o esporte moderno.

O esporte moderno, segundo informações levantadas por Balbino (2005), teve seu surgimento na Inglaterra através de Tomas Arnold entre os séculos XIX e XX o qual atribuía a este dois aspectos fundamentais: o prazer dos praticantes e espectadores e a formação moral (TUBINO, 1987 apud BALBINO, 2005, p. 50). Tubino (1987) identifica sua origem como fenômeno biológico e não histórico, entendido na combinação resultante dos instintos do lúdico, do movimento e da luta, a gênese da criação do instinto esportivo.

Com o início da globalização e um crescente desenvolvimento da indústria, a Capoeira caiu na mira do Mercado, o qual passou a incidir agressivamente sobre esta gerando uma nova resignificação.

A inserção da Capoeira como modalidade esportiva ganhou terreno ainda maior com o conceito de “Esporte Espetáculo”, tema empregado por Ana Márcia de Souza (1991) para explicitar a transformação do esporte em mercadoria:

O esporte, apesar de sua natureza de valor de cultura, não escapa a essa lógica capitalista. Seu valor cultural é secundarizado, senão desprezado por completo quando assume a forma de mercadoria, enquanto espetáculo. O fundamental para a troca não é o fato dele ser expressão de cultura, mas sim portador de valor, que acrescido de mais-valia, é capaz de produzir ampliar o capital investido (SOUZA, 1991, apud SILVA, 2002, p. 13-14).

Segundo informações levantadas por Silva, 2002, para administrar esta nova modalidade esportiva existem hoje, no Brasil, uma Confederação Brasileira de Capoeira (CBC), 78 Ligas Regionais e Municipais, 24 Federações Estaduais, uma Associação Brasileira de Árbitros, uma Associação Brasileira de Capoeira Especial e Adaptada. No Âmbito Internacional, existe a Federação Internacional de Capoeira (FICA), a qual coordena os trabalhos das Federações Nacionais de Capoeira, existentes no Canadá, Portugal, Argentina, França. A FICA ainda organiza as Federações Nacionais nos Estados Unidos, Espanha, Noruega, Japão, Israel Colômbia, Inglaterra, Bélgica, Singapura, Estônia, Rússia, Alemanha, Itália e Suíça. E ainda existem grupos de Capoeira espalhados por ainda mais territórios, sem estar vinculados à FICA.

A partir destes dados, podemos verificar a dimensão que a Capoeira tomou no mundo todo, alavancada pela globalização e pela indústria esportiva por intermédio da espetacularização²⁸.

²⁸ Para maiores informações sobre esta temática ver SILVA, Paula Cristina da Costa, **A educação física na roda de capoeira... entre a tradição e a globalização**. Dissertação de Mestrado em Educação Física, Instituto de Educação Física (FEF), Universidade Estadual de Campinas, 2002.

E a Capoeira hoje está inserida neste contexto: grupos de Capoeira em todo o Brasil já fazem desta manifestação cultural uma prática esportiva sendo legitimada através dos *Campeonatos de Capoeira* em diversos níveis: internos, regionais, estaduais, nacionais e até mundiais.

5.3 A Capoeira angola e a resistência

A Capoeira Angola oferece resistência a este novo desenho esportivo do mundo capoeirístico, tanto que não se rende à institucionalização que o esporte impõe: Apesar de ter se estabelecido às margens dos mecanismos de transformação da Capoeira Regional, os angoleiros ainda buscam uma maior aproximação da Capoeira ritualística, dançante e teatral. Isto pode ser visto no estilo do jogo da Capoeira angola onde as premissas valorativas são muito mais exaltadas, em detrimento de se estabelecer a relação melhor/pior ou, ainda, vencedor/ perdedor incutida no mundo da Capoeira-esporte.

A ritualidade exerce função de extrema importância na Capoeira angola, pois segundo Pedro Rodolpho Jungers Abib nos aponta em seu estudo datado de 2004 intitulado *Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda*, é através dela que se estabelece a conexão com o tempo primordial, onde se encontra a ancestralidade, que se reapresenta sempre que o rito e a celebração assim a solicita.

É através desta ritualização que o diálogo entre o passado e o presente se funde numa atmosfera mítica, trazendo à tona a intenção real do estabelecimento de ligações mais profundas com um cenário sagrado para a manifestação de sua prática.

Como parte integrante dos rituais da Capoeira angola temos a musicalidade como elemento fundamental para o envolvimento dos elementos participativos na atmosfera mágica e conecta à ancestralidade representada pela mãe África. O toque do berimbau²⁹ propicia um momento sagrado juntamente com o coro que entoia uma espécie de mantra, induzindo os jogadores a um estado de transe que permite uma comunicação corporal magnífica enquanto conecta todos os participantes da roda numa mesma vibração espiritual. A reverência à ancestralidade nos dizeres das ladainhas

²⁹ O berimbau é o instrumento condutor da roda de Capoeira e, de acordo com uma lenda Africana, é através dele que se pode manter contato com os mortos.

denota forte valor de respeito para com aqueles que lutaram e sofreram por um ideal de liberdade.

O berimbau também é o responsável por ditar o ritmo do jogo: mais lento ou mais rápido encanta os jogadores num ritmo dançante onde os passos do bailado devem ser minuciosamente estudados pelos executores a fim de interagirem de uma maneira conjugada e envolvendo-se num infundável jogo de perguntas e respostas.

Abib também nos mostra, através de um estudo baseado na História Oral e em manuscritos deixados pelos próprios protagonistas desta história, outros aspectos valorizados na Capoeira angola como sua teatralização e caráter lúdico, que, de certa forma, se contrapõem ao caráter competitivo presente na capoeira esportivizada conforme depoimento do Mestre João Pequeno:

Não gosto, por exemplo, daqueles brigador, valentão... que diz “a minha academia dá pancada em tudo” aí só gera briga, barulho. Se a capoeira é uma dança... então você pega a menina pra dançar... vai bater nela? (risos)... assim é o companheiro... pega o companheiro pra brincar... pra bater não... capoeira tem que se ver a bondade dela na perfeição... não é bater no adversário, não (...) Então eu ensino a capoeira assim... e seu Pastinha também... ele dizia que a capoeira não é pra bater... você dá o golpe, viu que o adversário não se defendeu, antes de você encostar o pé, você freia o seu pé... ele me ensinava isso também (ABIB, 2004, p. 116).

Na Capoeira angola também vemos esta manifestação enquanto forma de luta, de defesa o que, de fato, também o é. Abaixo o depoimento de mestre Cobrinha Verde quanto ao seu posicionamento diante da Capoeira:

Eu não posso dizer nunca que tenho a capoeira como esporte. Eu tenho a capoeira como luta, defesa pessoal. De muitas coisas eu me defendi com minha luta. Eu me defendi de faca, me defendi de facão, me defendi de cacete, de foice. Até de bala eu me defendi. Eu tomei 18 tiros, nenhum me pegou e dois eu defendi na ponta de meu facão. Então eu não posso nunca ter como esporte, não posso levar como esporte [...] (SANTOS, 1991, apud ABIB, 2004, p. 116).

Abib ainda nos mostra todo o poder que a oralidade exerce sobre a Capoeira, pois é também através dela que os saberes da cultura de um povo são transmitidos.

A tradição oral é uma manifestação da tradição cultural e, como ela, encerra conjunto de significados, que se apresentam com continuidade e constância entre membros de um mesmo grupo étnico racial. Encontram-se tais significados inscritos em intenções, projetos, posicionamentos, avaliações, articulados no agir e intervir no ambiente. Trata-se de patrimônio ancestral intangível que sobrevive, com renovados contornos, como que ocultado, mas

sempre compartilhado (GONÇALVES E SILVA, 2003, apud ABIB, 2004, p. 131).

Esta definição apresentada por Gonçalves e Silva serve como alicerce às palavras de Mestre Cobra Mansa:

O mais importante nesta tradição é o hálito, é o que você tá passando... a sua alma que você tá transmitindo [faz o gesto como se estivesse passando a alma através da boca]. Então você não está transmitindo simplesmente a sua palavra, mas o hálito... a alma... então quando você recebe aquilo, você tá recebendo uma tradição de muitos e muitos antepassados, porque alguém já me passou isso... agora eu to passando pra você, você vai internalizar, e depois vai poder passar a mesma coisa para outro, então é muito mais do que você pegar o livro e ler [...] tem uma alma ali, tem um gesto, um brilho nos olhos, que você sente uma alma sendo passada pra você (ABIB, 2004, p. 130).

Não só através da oralidade é que se faz o ensinamento da Capoeira angola. Para que se aprenda, é necessário observar e experimentar e, neste momento, podemos nos remeter à “pedagogia do africano” que, segundo Abib, é uma expressão muito utilizada no âmbito da Capoeira angola para denotar o aprendizado através do toque do mestre que pode ser esclarecida através das palavras de mestre Moraes:

Ele [o mestre] toca o aluno para passar sentimento... ele não toca exclusivamente para consertar o movimento... ele passa muito mais a vontade de ver o aluno aprendendo, do que ensinar o movimento correto. (ABIB, 2004, pp.129-130).

Aqui conseguimos perceber a necessidade de uma proximidade entre mestre/aluno para que os saberes possam ser transmitidos entre as gerações. Nas décadas passadas não raro encontrar mestre ensinando, além da Capoeira, a sua profissão para seu aluno tamanha era intimidade que se dava. O pertencimento à mesma classe social e condições de vida semelhantes propiciavam este tipo de relação. Hoje em dia não podemos mais dizer que isto acontece, contudo, a oralidade, a observação, a experimentação e o toque fazem parte, ainda hoje, das relações de ensino-aprendizagem estabelecidas embora a pedagogização tenha se fortificado neste terreno principalmente no âmbito da Capoeira regional.

Não poderia cometer a injustiça de atribuir os aspectos colocados aqui como exclusividade da capoeira angola. Estes aspectos como os rituais, a musicalidade, a dança, a brincadeira, a teatralização também estão imersos no mundo da Capoeira regional embora com menor grau de evidenciamento devido às questões já mencionadas

anteriormente pois o universo da Capoeira em suas mais diversas formas de expressão é dotado de um mesmo alicerce cultural, a qual ocorre, segundo Geertz, “na mediação dos indivíduos entre si, manipulando padrões de significados que fazem sentido num contexto específico” (DAOLIO, 2004, p.07).

Podemos aproximar a Capoeira da Educação física, recorrendo à Daolio (2004) onde nos mostra a idéia de que o profissional de educação física não atua com o movimento ou o esporte ou a ginástica propriamente ditos, mas sim

trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humanos historicamente definidos como jogo, esporte, dança, luta e ginástica. O que irá definir se uma ação corporal é digna de trato pedagógico pela educação física é a própria consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural específica do contexto onde se realiza. (DAOLIO, 2004, p. 03)

Partindo desta prerrogativa de Daolio (2004) poderíamos inserir a Capoeira como um conteúdo da educação física uma vez que temos suas expressões em todos os campos referenciados acima como pudemos constatar no decorrer deste estudo. Encontramos na Capoeira a ludicidade do jogo, a competitividade do esporte, o ritmo da dança, o combate da luta e a sistematização da ginástica, o que tornam esta prática multifacetada e rica em possibilidades de exploração e interpretação.

6 Considerações finais

A Capoeira ao longo de sua trajetória se deparou com diversos obstáculos sociais instituídos por uma sociedade repressora e preconceituosa os quais precisaram ser transpostos como maneira de manter a existência desta manifestação cultural, desenvolvida a partir de sentimentos de liberdade, como parte integrante de uma sociedade em constante transformação.

Se, por um lado, temos a Capoeira angola com ânsia no resgate do pertencimento étnico e valorização das tradições e rituais como forma de aproximação a uma identidade negra temos, em contrapartida, a Capoeira regional buscando uma maior aproximação com o mercado de uma sociedade globalizada como fator necessário a uma sobrevivência da própria manifestação dentro de um cenário político e econômico.

Mas o fator essencial neste momento é perceber não a Capoeira como forma de manifestação dual como se deu em diversos momentos da história, mas sim como uma manifestação única responsável por carregar o legado das lutas, da resistência e da sede incessante de liberdade.

Independente de sua forma de expressão ou origem primária, a Capoeira carrega em si a história de vida de um país, com todos os seus traços positivos e negativos e que, por este motivo, podemos colocá-la como um rico manancial da humanidade que deve ser transmitido ao maior número possível de indivíduos para que os valores incutidos nesta manifestação como o respeito, a ética, a humildade, a igualdade, a cooperação entre tantos outros existentes possam ser parte integrante da identidade moral desta nação, contrariando a lógica preconceituosa que desvalorizou, durante anos, a Capoeira enquanto manifestação cultural, negando uma riqueza de valores e preceitos pelo fato de ter-se estabelecido através das camadas pauperizadas e subjugadas da sociedade.

Para isso, valendo-nos da educação física como área que atua sobre a cultura corporal, podemos inserir a Capoeira como um conteúdo da educação física, situação que pode trazer inúmeros benefícios para os cidadãos em formação de nosso país carentes de um referencial patriótico e esquecidos da importância que a ancestralidade exerce dando o sentido do ser e estar no mundo.

Dentre as diversas teorias que permeiam o campo da educação física acredito que a abordagem crítico-superadora contemple tais expectativas explicitadas neste estudo uma vez que a compreende como uma prática pedagógica que possibilita aos alunos o acesso aos saberes da cultura corporal. Entende-se cultura corporal como sendo

[...] o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, ginásticas, esporte, artes circenses, mímicas, entre inúmeras outras, que podem ser identificadas como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (Soares, C. L...[et. al.], 1992).

Entendendo-se a escola como sendo uma extensão do meio social e capaz de intervir no mesmo, a Capoeira, inserida neste espaço enquanto conteúdo da educação física, pode estabelecer relações de transformação da sociedade.

7 Referências

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. 2004. 173f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais aplicados à Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ABREU, Frederico José de. **Bimba é bamba: a capoeira no ringue**. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999 apud ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. 2004. 173f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais aplicados à Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ABREU, Plácido de. **Os capoeiras**. Rio de Janeiro: Tip. Seraphim Alves Brito, 1886 apud SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994. Biblioteca carioca; v. 31, série publicação científica.

ALMEIDA, Raimundo César Alves de (Mestre Itapoan). **Bimba, o perfil do Mestre**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1982 apud SILVA, Paula Cristina da Costa. **A Educação Física na roda de Capoeira... entre a tradição e a globalização**. 2002. 237f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

ASSOCIAÇÃO DE CAPOEIRA MESTRE BIMBA. Disponível em:

< <http://www.capoeiramestreimbba.com.br/index.htm> >

Acesso em 02 nov. 2006

AZEVEDO, Aluísio de. **O cortiço**. 23 ed. São Paulo: Ática, 1991.

BALBINO, Hermes Ferreira. **Pedagogia do treinamento: método, procedimento pedagógico e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos.** 2005. 324f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em:

<<http://consorcio.bn.br/escravos/introducao.html>>

Acesso em 10 set. 2006

BOXER, Charles R. **O Império Colonial português (1415-1825).** Lisboa: Edições 70, 1981.

BURLAMAQUI, Annibal. **Gymnastica Nacional (Capoeiragem): methodisada e regrada.** Rio e Janeiro, 1928 apud SILVA, Paula Cristina da Costa. **A Educação Física na roda de Capoeira... entre a tradição e a globalização.**2002. 237f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

CARNEIRO, Edson. Capoeira. Cadernos de folclore I, Rio de Janeiro: FNC, 1975 apud PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do rio de Janeiro (1890-1937).**1996. 258f. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** 6 ed. São Paulo: Itatiaia: EDUSP, 1988 apud., Campinas, 2002 apud SILVA, Paula Cristina da Costa. **A Educação Física na roda de Capoeira... entre a tradição e a globalização.**2002. 237f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

COUTINHO, Daniel (mestre Noronha). **O ABC da Capoeira de Angola: os manuscritos do mestre Noronha**. Brasília: DEFER, Centro de Informação e documentação sobre a Capoeira (CIDOCA), 1993 apud ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. 2004. 173f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais aplicados à Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de Cultura**. Campinas/SP: Autores Associados, 2004.

FREITAS, Décio. **Palmares, a guerra dos escravos**. 5 ed. Porto Alegre: Graal, 1971

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente. Identidade em construção**. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

FUNDAÇÃO ÁGUA DE BEBER. Disponível em:
<<http://www.aguadebeber-ce.com.br/historia/sequencia.htm>>
Acesso em: 01 nov. 2006

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HISTÓRIA DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.historiadobrasil.net/escravidao>>
Acesso em: 12 out. 2006

IANNI, Otávio. **Sociedade global**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

L.C. **A Capoeira**. In Revista Kosmo III. Rio de Janeiro, março de 1906 apud PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do rio de Janeiro (1890-1937)**. 1996. 258f. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

LIBERTARIA. Disponível em:

< http://www.libertaria.pro.br/brasil/capitulo04_index.htm>

Acesso em: 25 out. 2006

MARINHO, Inezil Penna. **A Ginástica brasileira (Resumo do Projeto)**, Brasília, 1982 apud SILVA, Paula Cristina da Costa. **A Educação Física na roda de Capoeira... entre a tradição e a globalização**.2002. 237f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

MARINHO, Inezil Penna. **Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional 1945.

MORAIS FILHO, Alexandre Mello. **Festas e tradições Populares no Brasil**. Rio de Janeiro: Technoprint, s.d.

MORAIS, Evaristo de. **Da monarquia para a República**. Brasília: Editara da UNB, 1987.

MORALES DE LOS RIOS, Adolpho. O Rio de Janeiro da Primeira República. In revista do IHGB. Out/ Dez 1986 apud PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do rio de Janeiro (1890-1937)**.1996. 258f. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MOREIRA, W. W.; CARBINATTO, M. In: **Revista Brasileira de Educação física e Esporte**, São Paulo, v.20, p. 129, Set. 2006.

NETO, Coelho. **O Bazar**. Porto: Livraria Chandron, 1928 apud PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do rio de Janeiro (1890-1937)**.1996. 258f. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

O.D.C. **Guia do Capoeira ou gymnastica brasileira**. 2 ed. (fac similar). Rio de Janeiro: Livraria nacional, 1907 apud SILVA, Paula Cristina da Costa. **A Educação Física na roda de Capoeira... entre a tradição e a globalização**.2002. 237f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

OLIVEIRA, Agenor Lopes de. Os capoeiras. **Brasil Policial**. Rio de Janeiro, 05 out. 1951 apud PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do rio de Janeiro (1890-1937)**.1996. 258f. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira na Bahia de todos os santos: Um estudo sobre cultura e classes trabalhadoras (1890-1937)**, Tocantins/ Goiânia: NEAB/Grafset, 2004.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do rio de Janeiro (1890-1937)**.1996. 258f. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

QUERINO, Raimundo. **Costumes africanos no Brasil**. Recife: Massangana, 1988 apud PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do rio de Janeiro (1890-1937)**.1996. 258f. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

REGO, Waldeloir. **Capoeira angola: ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968 apud SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição: os capoeiras no Reio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994. Biblioteca carioca; v. 31, série publicação científica.

REIS, Leticia Vidor de Sousa. **O mundo de pernas para o ar: a Capoeira no Brasil.** São Paulo: Publisher Brasil, 1997 apud SILVA, Paula Cristina da Costa. **A Educação Física na roda de Capoeira... entre a tradição e a globalização.** 2002. 237f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

ROMERO, Sílvio. **A Poesia popular no Brasil.** Rio de Janeiro: Laemert, 1981 apud PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do rio de Janeiro (1890-1937).** 1996. 258f. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

SOARES, Antônio Joaquim Macedo. **Dicionário brasileiro de Língua portuguesa.** Rio de Janeiro: INL, 1954 (1ª ed. 1889) apud PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do rio de Janeiro (1890-1937).** 1996. 258f. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição: os capoeiras no Reio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994. Biblioteca carioca; v. 31, série publicação científica.

SANT' ANA, Antônio Olímpio. **História e Conceitos Básicos sobre Racismo e seus Derivados.** In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

SILVA, Antônio de Moraes. **Dicionário da Língua portuguea.** Rio de Janeiro: Tip. Fluminense, 1922 (1ª ed. 1813) apud SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição: os capoeiras no Reio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994. Biblioteca carioca; v. 31, série publicação científica.

SILVA, Paula Cristina da Costa. **A Educação Física na roda de Capoeira... entre a tradição e a globalização.** 2002. 237f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994. Biblioteca carioca; v. 31, série publicação científica.

SOARES, Carmem L., **Educação Física - Raízes européias e Brasil.** São Paulo: Autores associados, 1994.

SOUZA, Ana M. **Esporte espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano.** 1991. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991 apud SILVA, Paula Cristina da Costa. **A Educação Física na roda de Capoeira... entre a tradição e a globalização.** 2002. 237f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

SUA PESQUISA. Disponível em:

<<http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/escravidao.htm>>

Acesso em: 10 out. 2006

TUBINO, M.J. G. **Teoria geral do esporte.** São Paulo: IBRASA, 1987 apud BALBINO, Hermes Ferreira.

UNICAR PORTUGAL. Disponível em:

<<http://unicarportugal.no.sapo.pt/sequencia.htm>>

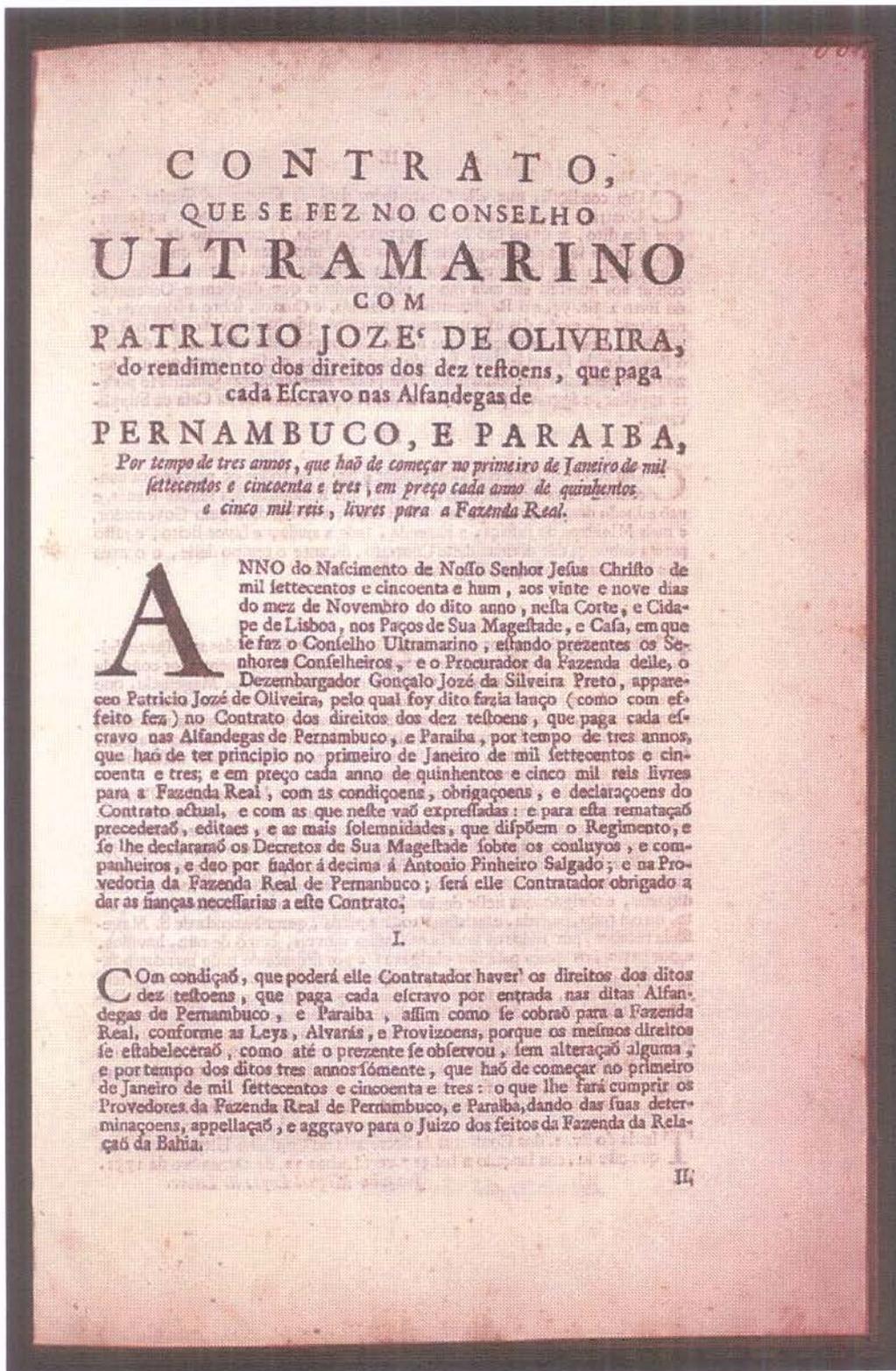
Acesso em 01 nov. 2006

WIKKIPEDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Capoeira>>

Acesso em: 25 out. 2006

ANEXOS

ANEXO A: Contrato de pagamento pela entrada dos escravos no Brasil



ANEXO B: Descrição da entrada de navios negreiros e condições em que aportaram

Entrou no dia 30 de Abril 1813.

Curveta Amizade vindo de Angola
com 14 dias de viagem, trazendo 35 pessoas
de equipagem, e os mesmos hum homem
de Diaria, e carregou 577 libras de castor
e os mortos em viagem 35 de Diaria
e a bordo se acharam 30 libras de castor
e 10 de Diaria.

Entrou em 01 de Maio

Rey. N. S. de Santa Theresa Francho de
Monte video, com 21 dias de viagem, e
trazendo 22 passageiros, a longa de 1200
libras, e outros generos.

Curveta S. Fran^{co} de Paulo, e Mateo Goope, e
Benj^o de 11 dias de viagem trazendo
de equipagem 10 pessoas, e os
mortos cinco homens, que unidos com
segundo da facha q' tiveram na costa, que
carregou 509 libras de castor e os mortos
e os 75 de libras e 39 de Diaria de
castor e 14 que se acharam a bordo de
castor com os mesmos de Diaria, na viagem de
barra

